

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Pietra Maschio da Silva

NEOLIBERALISMO, SUBJETIVIDADE E PERFORMANCE
sofrimento psíquico na contemporaneidade

TAUBATÉ-SP

2022

Piettra Maschio da Silva

NEOLIBERALISMO, SUBJETIVIDADE E PERFORMANCE
sofrimento psíquico na contemporaneidade

Monografia apresentada para obtenção do certificado de Bacharel em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Área de concentração: Psicologia

Orientador: Prof. Dr. André Luiz da Silva

TAUBATÉ-SP

2022

Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBi
Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI
Universidade de Taubaté – UNITAU

S586n Silva, Pietra Maschio da
Neoliberalismo, subjetividade e performance : sofrimento psíquico na contemporaneidade / Pietra Maschio da Silva. -- 2022. 82 f.

Monografia (graduação) – Universidade de Taubaté, Departamento de Psicologia, 2022.

Orientação: Prof. Dr. André Luiz da Silva, Departamento de Instituto Básico de Humanidades.

1. Neoliberalismo. 2. Subjetividade. 3. Plataformas digitais. 4. Performance. 5. Precarização do trabalho. I. Universidade de Taubaté. Departamento de Psicologia. Curso de Psicologia. II. Título.

CDD – 150.1957

PIETTRA MASCHIO DA SILVA

NEOLIBERALISMO, SUBJETIVIDADE E PERFORMANCE
sofrimento psíquico na contemporaneidade.

Monografia apresentada para obtenção do certificado de Bacharel em
Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade de
Taubaté.

Data: 18/11/2022

Resultado: aprovado

BANCA EXAMINADORA:

Profº Dr. André Luiz da Silva

Assinatura:  Universidade de Taubaté

Profº Dr. Régis Toledo Souza

Assinatura:  Universidade de Taubaté

Profº _____
Assinatura: _____ Universidade de Taubaté

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a minha família por todo suporte e apoio. Aos meus pais, meus irmãos e meu avô que confiaram no meu potencial e apostaram no meu futuro. A vocês todo meu amor e gratidão.

Aos meus colegas da faculdade, Maria Eduarda e Gabriel Dias, minha rede de apoio do curso e da vida. Compartilhamos angústias, conquistas e conselhos, vocês tornaram a jornada mais leve e feliz.

À Maria Fernanda, seu apoio e confiança foram fundamentais ao longo dos cinco anos de curso. Agradeço o privilégio de ser sua amiga.

Aos meus amigos Jean, Larissa e Monike, que me apoiaram em todos os momentos desse ciclo, agradeço as conversas, o afeto e aprendizado ao longo dos anos.

Ao meu orientador André Luiz, que durante o desenvolvimento dessa monografia acreditou e auxiliou no desenvolvimento de cada ideia. Agradeço toda a dedicação, ensinamentos, conselhos nos momentos de ansiedade e angústia.

Que culpa eles têm? Roubam para comer porque todos estes ricos que têm para botar fora, para dar para as igrejas, não se lembram que existem crianças com fome.

- Jorge Amado, Capitães de Areia

RESUMO

A presente pesquisa busca investigar como o discurso neoliberal opera na construção da subjetividade e quais são suas influências no culto a performance do indivíduo, sob a ótica de trabalhadores via plataformas digitais. A pesquisa é qualitativa com estudo de caso, utilizando como instrumento uma entrevista semiestruturada que foi realizada através de uma plataforma de videoconferência digital. Ela conta com cinco participantes que realizam serviços de entrega ou transporte privado em plataformas digitais no Brasil. O método de análise foi o de espiral de análise de dados, dividido em cinco partes: organização dos dados; leitura, classificação e interpretação dos dados; interpretação dos dados; representação e visualização dos dados. Com a presente pesquisa foi possível compreender a percepção de trabalhadores e trabalhadoras via plataformas digitais sobre os sentidos atribuídos ao trabalho na sua forma mais recente, na condição de trabalho precarizado, com pouca ou nenhuma garantia de direitos. Constatou-se que o neoliberalismo tem afinidades com o culto à performance do indivíduo, incentivando-o a se dedicar ao extremo nas atividades laborais produzindo esgotamento físico e mental.

Palavras-chave: Neoliberalismo. Subjetividade. Plataformas digitais. Performance. Precarização do trabalho.

ABSTRACT

The present research looks to investigate how the neoliberal discourse operates in the construction of subjectivity and what are its influences on individual performance cults, from the perspective of workers via digital platforms. The research is qualitative with a study case, using as an instrument a semi-structured interview that will be carried out through a digital videoconferencing platform. It has five participants who perform delivery or private transport services on digital platforms in Brazil. The analysis method was the data analysis spiral, divided into five parts: data organization; reading, classification, and interpretation of data; data interpretation; representation and visualization of data. With the present research, it was possible to understand the perception of workers through digital platforms about the meanings attributed to work in its most recent form, in the condition of precarious work, with little or no guarantee of rights. It was found that neoliberalism has affinities with the cult of the individual's performance, encouraging him to dedicate himself to the extreme in work activities, producing physical and mental exhaustion.

Keywords: Neoliberalism. Subjectivity. Digital platforms. Performance. The precariousness of work.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	08
1.1. Problema de Pesquisa	09
1.2 Objetivo geral	09
1.3 Objetivos específicos	09
1.4 Relevância do Estudo	09
1.5 Organização do trabalho	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 Liberalismo	11
2.2 Neoliberalismo	18
2.3 Biopolítica e Necropolítica	24
2.4 Plataformas digitais e o trabalho precarizado	28
2.5 Performance, saúde mental e sofrimento	32
3 MÉTODOS	38
3.1 Delineamento	38
3.2 Participantes	38
3.3 Local	39
3.4 Instrumentos de coleta de dados	39
3.5 Análise de dados	40
4. RESULTADOS	42
4.1 Perfil dos entrevistados	42
4.2 Categoria: empresa x trabalhador	42
4.3 Categoria: o discurso neoliberal e o trabalho na empresa de aplicativo	44
4.4 Categoria: o neoliberalismo e as relações pessoais	47
4.5 Categoria: o trabalho nas empresas de aplicativo e as emoções dos trabalhadores	48
4.6 Categoria: o trabalho nas empresas de aplicativo e a saúde dos trabalhadores	50
5. ANÁLISE	52
6. CONCLUSÃO	64
REFERÊNCIAS	67
ANEXO I - Tabela - Entrevistas	70
ANEXO II - TCLE	81

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa foi elaborado em conjunto pelo professor orientador e pela aluna de graduação, Pietra Maschio da Silva, orientanda, como trabalho de conclusão de curso (TCC) ou trabalho de graduação (TG), no departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté.

Trata-se de uma pesquisa exploratória que visa compreender, além da percepção dos indivíduos pesquisados sobre seu universo de trabalho e suas condições de vida, as possíveis relações entre o modelo econômico vigente na sociedade atual e a saúde mental de trabalhadores via plataformas digitais de viagens locais e entregas em domicílio.

Adota-se como hipótese que o neoliberalismo tem afinidades com o culto à performance do indivíduo, pois tende a individualizar as responsabilidades sobre as condições de vida do sujeito contemporâneo, incentivando-o a se dedicar ao extremo nas atividades laborais segundo o lema “produtividade ao máximo”, produzindo esgotamento físico e mental e, portanto, sujeitos extremamente fragilizados e esgotados emocionalmente.

Esse pressuposto é fundamentado na teoria crítica sobre o neoliberalismo (HARVEY, 2005; DARDOT; LAVAL, 2016; SAFATLE, 2021), nas noções de biopolítica (FOUCAULT, 2010) e necropolítica (MBEMBE, 2018), e nas discussões sobre a plataformização do trabalho e o trabalho precarizado (FILGUEIRAS; ANTUNES, 2020; FRANCO, 2021). Busca-se investigar como o discurso neoliberal opera na construção da subjetividade e quais são suas influências no culto a performance do indivíduo, sob a ótica de trabalhadores via plataformas digitais.

O trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa de estudo de caso, foram realizadas cinco entrevistas com pessoas adultas na faixa etária de 18 a 65 anos que realizam serviços de entrega ou transporte privado em plataformas digitais. Os dados foram coletados via entrevista semiestruturada e analisados mediante método espiral de análise de dados (CRESSWEL, 2014). O método será detalhado no terceiro capítulo.

Essa investigação se justifica pela importância que esse tipo de trabalho vem alcançado na sociedade brasileira nos últimos anos. Apesar de bastante recente, já é um setor de destaque dentre as ocupações da população economicamente ativa. Segundos dados do Ipea (2021), o Brasil conta com aproximadamente 1,4 milhão de entregadores e motoristas de empresas de aplicativo. Cerca de 4 milhões de trabalhadores tem como principal fonte de renda os serviços prestados para plataformas digitais (APPS COMO UBER..., 2019).

1.1. Problema de Pesquisa

Na década de 1970, o neoliberalismo enquanto sistema político econômico é aplicado no sistema capitalista e instaura a lógica de capital humano, maximizando a ação individual, os sujeitos passam a ser empresas de si mesmos e a racionalidade deve funcionar tal como na dinâmica dos mercados (FRANCO, et al., 2021). Ao trazer a discussão para a atualidade, pode-se dizer que há um culto a performance, os indivíduos são levados a buscar diferentes métodos para atingir a aprovação do público, uma busca constante para superar os próprios limites (SECCO; KOVALESKI, 2021). Entende-se por performance um ato desempenhado por um ou vários atores a fim de obter a percepção e aprovação do público (SIBILIA, 2015). Levando em consideração essas afirmativas, como o discurso neoliberal se relaciona com o atual culto à performance do indivíduo e como eles operam na construção da subjetividade? Quais são as percepções de trabalhadores e trabalhadoras de plataformas digitais sobre os sentidos atribuídos ao trabalho precarizado, com pouca ou nenhuma garantia de direitos?

1.2 Objetivo geral

- Investigar como o discurso neoliberal opera na construção da subjetividade e sua influência no culto a performance sob a ótica de trabalhadores de plataformas digitais

1.3 Objetivos específicos

- Levantar os motivos de escolha do trabalho em plataformas digitais.
- Identificar e analisar os sentimentos e emoções gerados pelo trabalho de plataformas digitais.
- Interpretar as possíveis relações entre o discurso neoliberal e a saúde do trabalhador.
- Analisar como o discurso neoliberal influencia as relações interpessoais e intersubjetivas dos trabalhadores de plataformas digitais.

1.4 Relevância do Estudo

Segundo Franco (2021), quando se fala em neoliberalismo é preciso levar em consideração os efeitos sobre a “economia libidinal dos sujeitos”, ou seja, a influência nas

relações, nas representações e escolhas a partir de um paradigma de empresa capitalista. Nessa perspectiva, faz-se necessário compreender o neoliberalismo enquanto uma racionalidade e que gere as relações sociais a partir da perspectiva do mercado (DARDOT; LAVAL, 2016; FRANCO, 2021)

O estudo mostra-se relevante socialmente, pois busca trazer reflexões e questionamentos acerca do atual contexto político, social e econômico. No âmbito da psicologia, este estudo busca através de um estudo de caso identificar, analisar e compreender como o discurso neoliberal opera na subjetividade e influência no culto a performance tão difundido na contemporaneidade sob a ótica dos trabalhadores de serviços de entrega e transporte privado de plataformas digitais. Além disso, verifica os possíveis impactos do contexto político, social e econômico nas relações inter e intrassubjetivas desses trabalhadores e quais as ações necessárias para lidar com esse impacto.

1.5 Organização do trabalho

Esta monografia está dividida em quatro capítulos, além da introdução, capítulo 1, e da conclusão. No segundo capítulo (“2. Fundamentação teórica”) discute-se a crise do liberalismo clássico e os aspectos que possibilitam a ascensão do neoliberalismo; a gênese do neoliberalismo, suas principais ideais e a racionalidade neoliberal; biopolítica e necropolítica; plataformas digitais e o trabalho precarizado; performance, saúde mental e sofrimento. No terceiro capítulo aborda-se o método da pesquisa, detalha-se o delineamento da pesquisa, participantes, local, instrumentos, além de detalhar como se realizou a análise de dados.

No quarto capítulo, é apresentado os resultados obtidos na realização das entrevistas por meio de categorias de análise: empresa x trabalhador, o discurso neoliberal e o trabalho na empresa de aplicativo, o neoliberalismo e as relações interpessoais, o trabalho nas empresas de aplicativo e as emoções dos trabalhadores, o trabalho nas empresas de aplicativo e a saúde dos trabalhadores. No quinto capítulo, encontra-se a análise dos dados obtidos na entrevista, a relação entre o que foi apresentado na fundamentação teórica com os resultados. E, por fim, o sexto capítulo, a conclusão dessa pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Harvey (2005), o neoliberalismo consiste em uma teoria política e econômica que defende os direitos ao livre comércio, livre mercado (*laissez-faire*) e a propriedade privada, a intervenção deve apenas garantir o funcionamento apropriado dos mercados. Para o autor, o neoliberalismo defende a ideia de uma mínima intervenção estatal, pois, o Estado não possuiria os conhecimentos e informações necessárias para lidar com o mercado, além de permitir que grupos de interesse promovessem intervenções visando o próprio interesse. O bem-estar humano seria atingido quando os indivíduos fossem livres e incentivados ao empreendedorismo.

O processo de neoliberalização, no entanto, envolveu muita “destruição criativa”, não somente dos antigos poderes e estruturas institucionais (chegando mesmo a abalar as formas tradicionais de soberania do Estado), mas também das divisões de trabalho, das relações sociais, da promoção do bem-estar social, das combinações de tecnologias, dos modos de vida e de pensamento, das atividades reprodutivas, das formas de ligação à terra e dos hábitos do coração. [...] o neoliberalismo sustenta que o bem social é maximizado se se maximizam o alcance e a frequência das transações de mercado, procurando enquadrar todas as ações humanas no domínio do mercado (HARVEY, 2005, p. 13).

De acordo com o autor, isso só é possível quando se constrói e mobiliza aparatos governamentais, dispositivos, tecnologias para orientar as intervenções. Um dos pressupostos fundamentais do neoliberalismo, se não o mais importante, é que só é possível garantir liberdade aos indivíduos enquanto o mercado e o comércio forem livres. O aspecto financeiro seria o regulador de todas as esferas da vida (HARVEY, 2005).

Para entender a ascensão do neoliberalismo e sua aplicação por volta da década de 1970, é necessário compreender a crise do liberalismo clássico entre 1880 e 1930, o período pós Segunda Guerra Mundial e o chamado “liberalismo embutido” (HARVEY, 2005; DARDOT; LAVAL, 2016).

2.1 Liberalismo

John Locke é o precursor do liberalismo político clássico (HORTA, 2004; BAUER, 2020). Crítico do absolutismo e da monarquia, o inglês defendia que o Estado tem como finalidade a preservação das liberdades do homem e o direito à propriedade (HORTA, 2004; BAUER, 2020). Segundo Bauer (2020), apesar de Locke se opor às ideias de Hobbes, ele

também defendia o contratualismo e o jusnaturalismo; nessa perspectiva, ele acreditava que o “Estado civil se originaria por meio de um contrato social para a superação do estado de natureza” (BAUER, 2020, p.197).

Segundo Horta (2004) e Bauer (2020), o Estado de natureza precede o Estado de política. Nele, a população vive em certa harmonia, mas não está livre de inconveniências ou violações de propriedade. O Estado de política, a partir de leis, garante a preservação e proteção da população e suas propriedades. É a presença do contrato social que diferencia os dois Estados. A partir da passagem do Estado de natureza para o Estado de política, cabe à população escolher a forma de governo e os governantes que desejam. Para Locke, o foco, independente de quem a população escolha, é a preservação do direito à propriedade (HORTA, 2004; BAUER, 2020).

Locke compreendia que após a escolha do governo, a população deveria escolher o poder legislativo – o mais importante dos três poderes. Para Mello (2011 apud BAUER, 2020), o pilar da sociedade política é o consenso ou aprovação dos indivíduos na formação do governo, a preservação do direito à propriedade e controle do governo pela população. Seguindo um dos ideais mais importantes na Teoria de Locke que era o antiabsolutismo. Locke contribuiu para a concepção de direito à liberdade, à propriedade e à vida “baseado no consenso, na subordinação do poder executivo ao legislativo – e, portanto, um poder limitado – e do direito de resistência, tudo isso como diretrizes para o Estado liberal” (MELLO, 2011 apud BAUER, 2020, p. 201).

O liberalismo é uma doutrina que defende a liberdade de expressão, propriedade privada e o mercado (DARDOT; LAVAL, 2016). O conceito de liberdade é fundamental no liberalismo, principalmente, a liberdade de consumo sem qualquer tipo de restrição (LEMOS, 2020). Parte de uma concepção individualista do homem, busca desvincular o sujeito de qualquer lógica coletivista, “o liberalismo surge na e para uma sociedade cada vez mais individualista” (LEMOS, 2020, p. 110).

Segundo Lemos (2020), um outro ponto central na concepção liberal refere-se ao contrato, a partir do contrato é que o indivíduo protege sua vontade individual. “O consentimento, via contrato, é que legitima relações individuais e coletivas, validando autoridade e expressando a vontade individual” (LEMOS, 2020, p. 111). Nessa perspectiva, para a autora, o contrato regula as relações sociais.

Segundo Abel (2017a), o maior símbolo do liberalismo é a Revolução Francesa que tinha como finalidade estabelecer limites ou colocar fim no absolutismo monárquico. O lema da revolução era liberdade, fraternidade e igualdade, vários setores da sociedade (burguesia, marginalizados, antimonarquistas, intelectuais liberais etc.) encontravam-se insatisfeitos com as péssimas condições econômicas da França.

Para o autor (ABEL, 2017a, p. 130), “a Revolução Francesa acelerou o processo de declínio das monarquias absolutistas e inspirou a ascensão das repúblicas e democracias. Em termos jurídicos, ela nos legou a célebre Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789”. Em 1870, após duas tentativas falhas de romper com monarcas e imperadores, a França finalmente implantou uma República liberal duradoura (prolongou-se até 1940, quando o exército nazista invadiu a França).

O Estado Liberal de Direito é caracterizado pela postura absenteísta perante os cidadãos, ou seja, é um Estado mínimo que intervém apenas quando necessário, o foco está na ampla liberdade individual dos cidadãos (ABEL, 2017a). Para o autor, essa é a agenda negativa do Estado Liberal de Direito. A agenda positiva é caracterizada pelos três princípios fundamentais da concepção liberal: vida, liberdade e a propriedade privada. Nessa perspectiva, os únicos compromissos do Estado “são aqueles relativos à manutenção da ordem, da segurança pública, do acesso ao Poder Judiciário e da proteção à propriedade privada” (ABEL, 2017a, 130).

Para Abel (2017a), o fator fundamental do Estado Liberal de Direito é que ele representa o oposto do absolutismo que era visto pelos cidadãos como extremamente invasivo, no contexto da época, o individualismo, a proteção da liberdade e da propriedade privada eram fundamentais para a população. O Estado Liberal se organiza sob dois aspectos: o Estado de Direito e o Estado Mínimo. O primeiro está relacionado com a contenção dos poderes do Estado e o segundo está relacionado com a ideia restritiva das funções do Estado.

De acordo com Catharino (2010 *apud* ABEL 2017a, p. 132), a finalidade da agenda liberal é que a população seja livre para buscar a sua própria liberdade, para os pensadores liberais não existe a possibilidade do indivíduo ser feliz se o Estado intervém na liberdade, vida e propriedade privada. A população deve ser livre para atingir o estado de conforto ou desconforto em relação a vida material.

De acordo com Lemos (2020, p. 112):

O ideal liberal favoreceu especialmente a burguesia, classe que está na origem e nos desenvolvimentos dessa forma de pensamento; oportunizou o controle do Estado; amparou a constituição do arcabouço jurídico de proteção da propriedade e de validação do poder; justificou as desigualdades mediante o discurso do indivíduo e sua responsabilidade pela própria liberdade; estabeleceu o contrato que legitima condições desiguais e validou toda uma organização social baseada no acúmulo desenfreado do dinheiro.

Segundo Dardot e Laval (2016, p. 37), “o liberalismo é um mundo de tensões”. No início do século XIX, o pensamento liberal começa a entrar em crise, mas é só a partir da Primeira Guerra Mundial que ela adquire uma maior intensidade. De acordo com os autores, é uma crise que mostra o problema central da governamentalidade liberal. Ou seja, “um puro e simples fator de bloqueio da ‘arte do governo’, num momento em que este último se vê confrontado precisamente com questões econômicas e sociais novas e ao mesmo tempo prementes” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 38). O liberalismo clássico não era capaz de lidar com as mudanças do capitalismo referentes aos aspectos organizacionais, aos conflitos de classe e às novas forças internacionais (DARDOT; LAVAL, 2016). Segundo os autores,

Os capitalismos norte-americano e alemão, as duas potências emergentes da segunda metade do século XIX, demonstravam que o modelo atomístico de agentes econômicos independentes, isolados, guiados pela preocupação com seus próprios interesses, é claro, e cujas decisões eram coordenadas pelo mercado concorrencial quase não correspondia mais às estruturas e às práticas do sistema industrial e financeiro realmente existente (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 39).

O liberalismo clássico falhou na incorporação das empresas e suas estruturas. O fenômeno empresa necessitava de uma gestão científica, com especialistas e técnicos que dessem conta da sua totalidade e de todas as divisões internas. Isso levou ao surgimento de grandes carteis, desenvolvimento de técnicas de venda e manipulação de preços, ou seja, não existia mais a concorrência que beneficiava a todos, apenas alguns grupos eram beneficiados (DARDOT; LAVAL, 2016).

Nessa perspectiva, a população começa a questionar a democracia política e os homens de negócio ou “self-made man”, os políticos eram vistos como marionetes, assim “a ‘mão visível’ dos empresários, dos financistas e dos políticos ligados a eles enfraqueceu formidavelmente a crença na ‘mão invisível’ do mercado” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 40). De acordo com os autores, um outro ponto que favoreceu a crise foi a incapacidade do liberalismo de lidar com os aspectos sociais, como as condições salariais e reformas nas leis sobre o trabalho (DARDOT; LAVAL, 2016).

Entre os anos de 1870 e 1880, na Europa, há um movimento crescente de leis, aparelhos e regulamentações com o objetivo de oferecer uma maior segurança no trabalho, proteção coletiva e segurança social, além disso, o movimento operário começa a aprimorar-se tanto no que diz respeito aos sindicatos quanto na política (DARDOT; LAVAL, 2016). Nessa perspectiva, segundo os autores, “proteção alfandegária e crescimento dos nacionalismos, imperialismos rivais e a crise do sistema monetário internacional apareciam como violações da ordem liberal” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 41).

Durante esse período temos a transição do Estado de Direito Liberal para o Estado Social de Direito (bem-estar social) que se estabelece nos países da Europa através do reformismo e da política (ABEL, 2017b). De acordo com o autor, o Estado Social não é o oposto do Estado liberal de Direito, ele é uma evolução desse modelo. A liberdade, o livre mercado e a proteção à propriedade privada continuam como valores fundamentais. O que muda é o estabelecimento de uma agenda social como um dos compromissos do Estado. O Estado passa a promover políticas públicas orientadas ao bem-estar social. Nessa perspectiva, “o Estado passava a assumir compromissos como educação, saúde pública, previdência social, direitos trabalhistas, fiscalização das condições de trabalho, salário-mínimo, entre outros” (ABEL, 2017b, p. 144).

Os liberais começam a criticar as mudanças e a analisar a crise, uma das críticas mais conhecidas é a de Herbert Spencer. Os seguidores do spencerismo acreditavam que essas reformas sociais que visavam a proteção do povo, principalmente, os mais pobres, eram uma traição ao liberalismo e um obstáculo à vida da população (DARDOT; LAVAL, 2016). Essa linha de pensamento defendia que o objetivo do Estado consistiria apenas em garantir que os contratos fossem executados, não criando novos direitos ou cedendo à pressão da população (DARDOT; LAVAL, 2016).

Spencer acreditava que a teoria darwiniana sobre a seleção natural tinha relação com a teoria do *laissez-faire*:

O ponto decisivo que permite a passagem da lei da evolução biológica para suas consequências políticas é a prevalência na vida social da luta pela sobrevivência. [...] nem todos os homens são convidados para o grande “banquete da natureza”. [...] a competição entre os indivíduos constituía para a espécie humana, que nisso é assimilável às outras espécies, o próprio princípio do progresso da humanidade. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 52).

Segundo os autores, o spencerismo inaugura no pensamento liberal a concorrência como uma necessidade vital do ser humano. O foco está na troca como um meio de confronto e

sobrevivência, agora a lógica foca em um processo de eliminação dos mais fracos, ou seja, o sucesso supõe, naturalmente, a destruição dos concorrentes mais fracos. Assim, a concorrência “é a lei implacável da vida e o mecanismo do progresso por eliminação dos mais fracos” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 53)., o neoliberalismo será marcado por essa linha de pensamento.

A Primeira Guerra Mundial e as crises desencadeadas após seu fim, apenas intensificaram o questionamento e reanálise do liberalismo clássico. A liberdade do mercado e o *laissez-faire* eram cada vez mais contestados (DARDOT; LAVAL, 2016). Após a Segunda Guerra Mundial, a Europa encontrava-se destruída, a infraestrutura danificada, a malha industrial com inúmeras perdas na produção, esgotamento físico e material, os investimentos que eram destinados à população foram usados amplamente durante a guerra. Além disso, os Estados Unidos tornaram-se hegemonia mundial, o maior credor mundial, pois não haviam sido atacados durante a guerra (HOBSBAWM, 1995; WOLF, 2000; GASPAR, 2015).

Tendo em vista essas consequências da Segunda Guerra Mundial, eram necessárias algumas mudanças nas práticas políticas e econômicas para a recuperação, reestruturação e controle das formas de Estado e das relações internacionais para evitar qualquer conflito geopolítico (HARVEY, 2005). Segundo Hobsbawm (1995, p. 176-177), “os governos capitalistas estavam convencidos de que só o intervencionismo econômico podia impedir um retorno às catástrofes econômicas do entreguerras e evitar os perigos políticos de pessoas radicalizadas ao ponto de preferirem o comunismo.”

Para isso, Estado, mercado e instituições democráticas trabalharam em conjunto – até onde era possível – para a garantia da paz, inclusão, bem-estar e estabilidade (HOBSBAWM, 1995). Segundo Dardot e Laval (2016), o Estado era visto como o único capaz de auxiliar na recuperação econômica e social. Nessa perspectiva, surgem vários Estados com um viés mais social-democrata, organizando-se sob um “liberalismo embutido” e tinham em comum,

A aceitação de que o Estado deveria concentrar-se no pleno emprego, no crescimento econômico e no bem estar de seus cidadãos, e de que o poder do Estado deveria ser livremente distribuído ao lado dos processos de mercado – ou, se necessário, intervindo, ou mesmo substituindo tais processos – para alcançar esses fins, e políticas fiscais e monetárias em geral caracterizadas como “keynesianas” foram implantadas extensamente para suavizar ciclos de negócio e assegurar um nível de emprego razoavelmente pleno (HARVEY, 2005, p. 20).

Segundo Abel (2017b), o Estado Democrático de Direito caracteriza-se pela igualdade e pluralismo político e social, a população tem participação na construção de um projeto de sociedade. Para o autor, há uma rearticulação da ideia de democracia, agora entendida como um “sistema de garantias, de concretização de direitos e de compromisso com o pluralismo, com a sociedade e com a alteridade” (ABEL, 2017b, p. 147). Vale ressaltar que essa formulação de Estado não nega as anteriores (Estado Liberal e Estado Social) é mais uma vez uma evolução desses modelos.

De acordo com Dardot e Laval (2016), essa reformulação do liberalismo era necessário para evitar revoltas sociais e políticas, passando o papel do Estado a ser o de regular e redistribuir a produção. Os autores ainda colocam que esse liberalismo garante uma maior liberdade para um maior número de indivíduos, partindo de uma filosofia individualista, é função do Estado garantir que cada indivíduo tenha os meios necessários para realizar o próprio projeto.

Segundo Harvey (2005), essa organização político-econômica trouxe consequências positivas para os países avançados: elevadas taxas de crescimento econômico entre os anos de 1950 e 1960. Porém, para os países do terceiro mundo o crescimento econômico continuava a ser um sonho distante. No final da década de 60 do século XX, o liberalismo embutido entra em crise, as políticas keynesianas não funcionam mais, desemprego e inflação intensificavam-se progressivamente durante boa parte da década de 70 (HARVEY, 2005).

Uma das alternativas para superar a crise foram soluções socialdemocratas que consistiam em um maior controle e regulação estatal da economia; por exemplo, “reprimir as aspirações do trabalho e movimentos populares por meio de medidas de austeridade, políticas de renda e mesmo controle de salários e preços” (HARVEY, 2005, p. 22). Mas, na metade da década de 70, essa solução atinge seu limite.

Para o autor, devido à crise, muitas políticas e partidos “comunistas e socialistas” passam a ampliar seu terreno de alcance; essas orientações estavam presentes em reformas e intervenções estatais, o que certamente desagradava as grandes e famosas elites econômicas do mundo. Quando o crescimento econômico entra em colapso, as elites passam a sentir as consequências da crise e buscam alternativas que retomem o controle da política e economia. Esse é o ponto central do neoliberalismo e onde ele foi bem-sucedido: restaurar o poder de classe das elites (HARVEY, 2007). Como coloca o autor, “a virada neoliberal está de alguma

maneira e em algum grau associada à restauração ou reconstrução do poder das elites econômicas” (HARVEY, 2005, p. 27).

Cabe lembrar que essas transformações políticas e econômicas do liberalismo trazem mudanças para as relações de trabalho. Boltanski e Chiapello (2012), analisam diferentes períodos históricos e suas respectivas relações de trabalho, caracterizando três “espíritos do capitalismo”. O primeiro ocorre no final do século XIX e caracteriza-se pelo “burguês empreendedor”, paternalismo, assalariamento e existência de uma relação entre o empregado e o patrão (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009; TOMETICH; CARVALHO SILVA, 2018).

O segundo espírito do capitalismo ocorre entre 1930 e 1960 e, de acordo com Boltanski e Chiapello (2012, p. 50), “a tônica aí recai menos sobre o empresário individual e mais sobre a organização”. Nessa perspectiva, é um período dominado pelas indústrias, suas burocracias e o tecnicismo; a centralidade está na figura do diretor e executivos da empresa/indústria. A remuneração do trabalho continua sendo exclusivamente o assalariamento. (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009; TOMETICH; CARVALHO SILVA, 2018).

Por fim, o terceiro espírito do capitalismo ocorre a partir de 1968, caracterizado pela globalização e o surgimento de novas tecnologias, grandes empresas, multinacionais etc. O trabalho passa a adquirir o atributo de “flexível”, as formas de remuneração são diversas, seja assalariamento, honorários, terceirização, entre outros. A identificação da figura do patrão é mais difícil, senão impossível; o empregado é visto como um colaborador intermitente. (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2009; TOMETICH; CARVALHO SILVA, 2018).

2.2 Neoliberalismo

Segundo Dardot e Laval (2016), a gênese do neoliberalismo situa-se no Colóquio Walter Lippmann, em Paris, que teve início no dia 26 de agosto de 1938, durou cinco dias e tinha como objetivo a reconstrução do liberalismo. De acordo com Safatle (2021, p. 24),

Um diagnóstico que se impôs no colóquio fora o equívoco da crença, própria do liberalismo manchesteriano do século XIX, de que livre-iniciativa, empreendedorismo e competitividade seriam características que brotariam quase que espontaneamente nos indivíduos, caso fossemos capazes de limitar radicalmente a intervenção econômica e social do Estado. Antes, a liberdade liberal teria de ser produzida e defendida.

Conforme Dardot e Laval (2016), ao fim do Colóquio é criado o Centro Internacional de Estudos para a Renovação do Liberalismo e a ideia era realizar encontros regulares em diversos países, porém, devido os acontecimentos históricos na Europa, essa ideia não é levada adiante. A Sociedade Mont-Pèlerin criada em 1947 é um prolongamento do Colóquio Walter Lippmann e, conforme expressa Harvey (2005), esse grupo obteve total apoio financeiro e político em suas ideias.

O grupo Mont-Pèlerin tinha como principais participantes Friedrich Von Hayek, Milton Friedman e, durante um período, o filósofo Karl Popper. Segundo Harvey (2005, p. 29), “os membros do grupo se descreveram como liberais [...] devido a seu compromisso com ideais de liberdade pessoal. O rótulo ‘neoliberal’ marcava sua adesão aos princípios de livre mercado da economia neoclássica que emergia na segunda metade do século XIX”.

O governo da primeira-ministra Margareth Thatcher, na Grã-Bretanha entre 1979 e 1990, foi um dos que consolidaram o neoliberalismo a nível mundial. Thatcher defendia que a cura da crise do liberalismo embutido viria através do mercado, ela compartilhava a ideia de que as “soluções monetaristas ‘do lado da oferta’ eram essenciais para curar a estagflação” (HARVEY, 2005, p. 31). Para colocar fim no Estado socialdemocrata era necessário

[...] enfrentar o poder sindical, atacar todas as formas de solidariedade social que prejudicassem a flexibilidade competitiva (como as expressas pela governança municipal e mesmo o poder de muitos profissionais e de suas associações), dismantelar ou reverter os compromissos do Estado de bem-estar social, privatizar empresas públicas (incluindo as dedicadas à moradia popular), reduzir impostos, promover a iniciativa dos empreendedores e criar um clima de negócios favorável para induzir um forte fluxo de investimento externo. [...] Todas as formas de solidariedade social tinham de ser dissolvidas em favor do individualismo, da propriedade privada, da responsabilidade individual e dos valores familiares. (HARVEY, 2005, p. 32).

Thatcher defendia que o objetivo principal era a transformação do espírito (HARVEY, 2005). Nessa perspectiva, o neoliberalismo é muito mais do que apenas um modelo econômico, ele é um projeto social e político que promove mudanças desde 1930. Para entendê-lo é preciso ir além da mentalidade de que ele é apenas uma teoria ou ideologia econômica; ele vai além disso, é um sistema, uma racionalidade que transformou o mundo capitalista (DARDOT; LAVAL, 2016).

Segundo Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo é um sistema que promoveu intensas e longas mudanças nos fatores sociais, políticos e psicológicos; transformou as formas da

existência humana. Ele é muito mais do que a destruição de certas instituições, crenças etc. É um sistema que produz relações sociais, práticas, pensamentos, escolhas, subjetividades, no fim, constrói e produz normas de vida. O caminho para compreender o neoliberalismo enquanto um sistema complexo é necessariamente analisá-lo pelo seu aspecto político, econômico, social e subjetivo.

Segundo os autores (DARDOT; LAVAL, 2016), o neoliberalismo é acima de tudo uma racionalidade que opera não só na ação dos governantes, como também no comportamento do governado. Pode-se definir o neoliberalismo “como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17). Nessa perspectiva, um dos pilares do neoliberalismo é conduzir os sujeitos a um autogoverno de si mesmos com base na perspectiva empresarial.

O mercado é o grande regulador da vida; a liberdade, independente de qual seja, está diretamente relacionada a liberdade econômica. É o mercado que garante ao indivíduo a sua liberdade (LEMOS, 2020). Segundo a autora, “por liberdade econômica se entende a economia de mercado que se autorregula” (LEMOS, 2020, p. 114). Seguindo essa lógica, a sociedade tem como pilar a iniciativa privada, a concorrência e a competitividade; só há o progresso quando há concorrência (LEMOS, 2020).

De acordo com Lemos (2020, p. 114),

A compreensão de liberdade econômica enquanto condição *sine qua non* para as outras liberdades produz desdobramentos e proposições contraditórias com o próprio liberalismo. Em função da garantia e preservação dessa liberdade econômica, os neoliberais não medem esforços para remover qualquer obstáculo, até mesmo a democracia. Caso o movimento do povo indique cerceamento à esfera econômica, essa liberdade política deve ser limitada. Por isso não há, para os liberais, nenhuma contradição entre os regimes autoritários e o receituário neoliberal.

Não é preciso ir muito longe para buscar exemplos do autoritarismo e neoliberalismo trabalhando em conjunto, o golpe de Pinochet no Chile (1973) é considerado até hoje o laboratório dos experimentos neoliberais (SAFATLE, 2021). A ditadura de Pinochet é, segundo Safatle (2021, p. 27), “a imagem explícita da maneira como a liberdade de mercado só poderia ser implementada calando todos os que não acreditam nela. [...] Para isso seria necessário um Estado forte e sem limites em sua sanha para silenciar a sociedade da forma mais violenta.”

Harvey (2005) descreve que o Estado neoliberal tem como função favorecer a propriedade privada, o livre funcionamento do mercado e do comércio; isso é possível por meio de arranjos institucionais e contratos negociados entre os indivíduos. Assim, o Estado deve proteger o valor do contrato e o direito de cada indivíduo à liberdade de escolha, ação e expressão, lembrando que essas liberdades estão vinculadas à liberdade econômica.

O Estado tem, portanto, de usar seu monopólio dos meios de violência para preservar a todo custo essas liberdades. Por extensão, considera-se um bem fundamental a liberdade de negócios e corporações (vistas legalmente como indivíduos) de operar nesse arcabouço institucional de livres mercados e livre comércio. [...] Assim, os contínuos aumentos da produtividade devem proporcionar padrões de vida mais elevados a todos. [...] a teoria neoliberal sustenta que a eliminação da pobreza (no plano doméstico e mundial) pode ser mais bem garantida através dos livres mercados e do livre comércio. [...] Afirma-se que a privatização e a desregulação combinadas com a competição eliminam os entraves burocráticos, aumentam a eficiência e a produtividade, melhoram os entraves burocráticos, aumentam a eficiência e a produtividade, melhoram a qualidade de vida e reduzem custos – tanto os custos diretos ao consumidor (graças a mercadorias e serviços mais baratos) como, indiretamente, mediante a redução da carga de impostos. O Estado neoliberal deve buscar persistentemente reorganizações internas e novos arranjos institucionais que melhorem sua posição competitiva como entidade diante de outros Estados no mercado global (HARVEY, 2005, p. 76-77).

Um outro importante é a concepção de homem no neoliberalismo, segundo Lemos (2020), ao contrário do liberalismo onde a ideia central era que o indivíduo agisse da forma como lhe agrade, os teóricos neoliberais como Hayek consideravam que isso era uma liberdade excessiva. Esse tipo de liberdade é visto como um obstáculo para uma sociedade neoliberal onde o crescimento e progresso devem ser constantes. Assim, faz-se necessário manipular e controlar certos instintos que favoreçam a construção de uma comunidade e/ou ideias tidas como comunistas (LEMOS, 2020).

Segundo Franco (2021), quando se fala em neoliberalismo é preciso levar em consideração os efeitos sobre a “economia libidinal dos sujeitos”, ou seja, a influência nas relações, nas representações e escolhas a partir de um paradigma de empresa capitalista. Foucault (2008 *apud* DE OLIVEIRA; SAMPAIO, 2018) expõe que o neoliberalismo interfere em todos os espaços da vida social, esse é um dos seus objetivos principais, “no fundo ele tem de intervir nesta sociedade para que os mecanismos concorrenciais, a cada instante e em cada ponto da espessura social, possam ter o papel de reguladores” (p. 168).

Os discursos neoliberais propagam uma sociedade com pouca intervenção estatal. Mas, de acordo com Safatle (2021), na verdade, o neoliberalismo tem como premissa um Estado sem

limites. Houve uma mudança de intervenção do liberalismo clássico para o neoliberalismo, de forma que, ao invés, do foco ser na esfera das atividades econômicas, agora o Estado intervém na esfera dos conflitos sociais e na dimensão psíquica dos indivíduos.

Safatle (2021, p. 25) ressalta que

Tratava-se de passar do social ao psíquico e levar sujeitos a não se verem mais como portadores e mobilizadores de conflitos estruturais, mas como operadores de performance, otimizadores de marcadores não problematizados. Para tanto, seria necessário que a própria noção de conflito desaparecesse do horizonte de constituição da estrutura psíquica, que uma subjetividade própria a um esportista preocupado com performances se generalizasse, e para isso a mobilização de processos de internalização disciplinar de pressupostos morais era fundamental.

Dardot e Laval (2016) mostram que o processo do mercado agora é regulado através das motivações e competências dos indivíduos. O mercado constrói o sujeito, ele é “um processo de autoformação do sujeito econômico, um processo subjetivo autoeducador e autodisciplinador, pelo qual o indivíduo aprende a se conduzir” (p. 140).

Para Safatle (2021), essa intervenção baseia-se na internalização dos ideais empresariais de performance, investimento, rentabilidade e posicionamento, ou seja, o indivíduo enxerga-se como “empresa de si mesmo”. Tal intervenção “permitiu [...] a internalização de um trabalho de vigilância e controle baseado na autoavaliação de si a partir de critérios do mundo da administração de empresas” (SAFATLE, 2021, p. 31).

Franco et. al (2021) expõem que, ao vender o suposto lema de “autonomia” e “liberdade”, na realidade, o que acontece é que se o indivíduo é gerente de si mesmo, o fracasso está unicamente relacionado ao sujeito; o Estado não é mais responsabilizado. Nessa perspectiva, a lógica de capital humano passa a ser aplicada, ou seja, o individualismo atinge seu pleno funcionamento, o indivíduo opera tal qual uma empresa; a lógica empresarial norteia todas as esferas da vida. Quando há a internalização dos ideais empresariais, o sujeito passa a exigir de si mesmo o alcance de metas e o sucesso, ele busca a todo momento o aprimoramento de suas competências.

Segundo Harvey (2007), a concepção de homem e liberdade somada à internalização dos ideais empresariais permitiu a naturalização do neoliberalismo e sua aplicação na maior parte do globo. Em várias manifestações ou debates políticos contemporâneos, o apelo ao direito e à liberdade individual é intenso, em especial em países como os Estados Unidos. A partir da intervenção na economia libidinal dos sujeitos e sob o pretexto da liberdade, as elites

econômicas de países neoliberais alcançaram grandes concentrações de riqueza, enquanto se aprofundava cada vez mais a desigualdade social para a população (HARVEY, 2007; LEMOS, 2020).

E como isso ocorre? A intervenção nos conflitos sociais e na subjetividade serve para construir consentimento e mobilizar a população a aceitar ações políticas e socioeconômicas, ou seja, o controle da liberdade (LEMOS, 2007). Para a autora, o indivíduo neoliberal emerge a partir das políticas econômicas de concorrência e de produtividade e, “é educado nesse contexto para ser o indivíduo econômico, o homem que age, que empreende, que aprende nas condições de concorrência e competitividade” (LEMOS, 2007, p. 116).

Harvey (2007) também cita como exemplo o golpe chileno da década de 70, no qual, em meados dos anos 80, “a parte auferida pelos 1 por cento mais ricos elevou-se subitamente até 15 por cento no fim do século”. Esse aumento de riqueza obviamente não aconteceu com a população, porém, a intervenção neoliberal garantiu uma certa legitimação para o acúmulo de riqueza pelos mais ricos e para que os indivíduos fossem responsabilizados pelo próprio fracasso.

Ainda analisando alguns exemplos, o autor mostra que

O fato de que o sucesso tenha sido obtido em algum lugar escondia o fracasso do neoliberalismo no resto do mundo. A extrema volatilidade implicava episódios periódicos de crescimento, entremeados de intensas fases de destruição criativa, na maioria das vezes registradas como severas crises financeiras. [...] As crises financeiras proliferaram em todo o mundo em desenvolvimento, e, em alguns casos como Brasil e o México, repetidas ondas de ajuste estrutural e austeridade fiscal levaram à paralisia econômica (HARVEY, 2007, p 17).

Como descrito anteriormente, o sucesso do neoliberalismo encontra-se no fato de que as classes altas reconquistaram o poder – se é que deixaram de ter – e que as classes baixas foram levadas a se responsabilizar pela desigualdade social e o fracasso econômico. Segundo o autor, a justificativa era que, “se as condições se deterioravam entre as classes mais baixas, isso ocorreria porque elas falhavam, normalmente por razões pessoais e culturais, em incrementar o seu próprio capital humano” (HARVEY, 2007, p. 17).

2.3 Biopolítica e Necropolítica

O neoliberalismo, como dito, é muito mais que uma teoria econômica aplicada no capitalismo; segundo Safatle (2021), é uma engenharia social. Isso significa dizer que o neoliberalismo intervém na dimensão psíquica e social dos indivíduos. Mas qual é a finalidade dessa intervenção? Que os sujeitos se entendessem como empreendedores de si mesmos, “operadores de performance”. Para que os valores neoliberais de empreendedorismo, livre mercado, propriedade privada se tornassem hegemônicos, era necessária uma intervenção que possibilitasse aos indivíduos internalizarem esses valores, que despolitiza-se a sociedade (SAFATLE, 2021).

Foucault (2018, p. 311) destaca que, no neoliberalismo,

O homo oeconomicus é um empresário, e um empresário de si mesmo. Essa coisa é tão verdadeira que, praticamente, o objeto de todas as análises que fazem os neoliberais será substituir, a cada instante o homo oeconomicus parceiro da troca por um homo oeconomicus empresário de si mesmo, sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte de [sua] renda.

E é nessa temática que reside um aspecto importante do neoliberalismo que Foucault irá se aprofundar: a biopolítica. Almeida (2021) expõe que a biopolítica mostra como as práticas de poder e vida estão ligadas. O ato de governar sempre envolve um conjunto de estratégias, métodos e tecnologias sobre os sujeitos e a população. A análise foucaultiana permite compreender que o liberalismo instaura um conjunto de práticas governamentais que atendem as demandas capitalistas, esse conjunto de práticas é denominado “governamentalidade” (ALMEIDA, 2021).

Segundo o autor:

O neoliberalismo é um processo de constituição da subjetividade e, conseqüentemente, de novos sentidos para a vida e para morte, uma biopolítica, portanto. E, como biopolítica, o neoliberalismo corresponde a um conjunto específico de práticas de governo orientadas por uma peculiar e circunstancial razão de Estado. (ALMEIDA, 2021, p. 3).

O biopoder age sobre a vida, mas, em conjunto com a morte (FURTADO; CAMILO, 2016). Algumas pessoas ou grupos morrem para que outros possam viver, há um vínculo entre extermínio e vida. Na análise foucaultiana, a biopolítica está intrinsecamente relacionada ao racismo de Estado. Ao olhar para o nazismo é possível ver que a purificação da raça branca

consistia no extermínio de grupos étnicos, a morte do Outro significava a vida saudável purificada do Outro. A teoria foucaultiana compreende o nazismo como a gênese da biopolítica (ALMEIDA, 2021).

Segundo Foucault (2010), o que antes era apenas uma técnica e estratégia em guerras e combates, agora passa a ser um aspecto fundamental para o Estado, porém, o foco agora não recai em uma questão jurídica de soberania e conquista de territórios e, sim, biológica, dos fenômenos de uma população.

A velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida. Desenvolvimento rápido, no decorrer da época clássica, das disciplinas diversas – escolas, colégios, casernas, ateliês; aparecimento, também, no terreno das práticas políticas e observações econômicas, dos problemas de natalidade, longevidade, saúde pública, habitação e migração; explosão, portanto, de técnicas diversas e numerosas para obter a sujeição dos corpos e o controle das populações (FOUCAULT, 2010, p. 130).

De acordo com Santana (2020), o neoliberalismo traz uma nova racionalidade, ou seja, um novo conjunto de sentidos e significados sobre os indivíduos e sobre o mundo. Nessa perspectiva, surgem leis, regras e normas sobre como indivíduos e empresas devem se portar no sistema capitalista, a fim de alcançar crescimento econômico e tecnológico. Para Foucault (2010), o biopoder exerceu um papel fundamental no desenvolvimento do capitalismo, pois, controlou os corpos e ajustou os fenômenos sociais aos processos econômicos.

[...] foram-lhe necessários métodos de poder capazes de majorar as forças, as aptidões, a vida em geral, sem por isto torna-las mais difíceis de sujeitar; se o desenvolvimento dos grandes aparelhos de Estado, como instituições de poder, garantiu a manutenção das relações de produção, os rudimentos de anátomo e de bio-política, inventados no século XVII como técnicas de poder presentes em todos os níveis do corpo social e utilizadas por instituições diversas (a família, o exército, a escola, a polícia, a medicina individual ou a administração das coletividades), agiram no nível dos processos econômicos, do seu desenrolar, das forças que estão em tais processos e os sustentam; operam, também, como fatores de segregação e de hierarquização social, agindo sobre as forças respectivas tanto de uns como de outros, garantindo relações de dominação e efeitos de hegemonia; o ajustamento da acumulação dos homens à do capital, a articulação do crescimento dos grupos humanos à expansão das forças produtivas e a repartição diferencial do lucro, foram, em parte, tornados possíveis pelo exercício do bio-poder com suas formas e procedimentos múltiplos (FOUCAULT, 2010, p. 131-132).

A intervenção neoliberal, seu processo de design psicológico, é construída através de dispositivos, tecnologias e instituições políticas, econômicas e sociais e, assim, moldam corpos, ambientes, os afetos, vínculos e os sujeitos como um todo (FURTADO; CAMILO, 2016;

SAFATLE, 2021). Isso implica dizer que o neoliberalismo controla os corpos, a saúde, a alimentação, a moradia, as condições de vida e dita quem tem acesso a esses elementos, quem é digno de viver (FOUCAULT, 2010). Nessa perspectiva, segundo Furtado e Camilo (2016, p. 41), analisando a teoria da biopolítica de Foucault, o *homo oeconomicus* no neoliberalismo

consiste na fonte de sua própria renda, e governar a vida, nesse contexto, significará não apenas dissecar seus interesses, inferir as razões que motivam sua participação no jogo comercial. O governo da vida deverá incitar o *homo oeconomicus* a investir em si mesmo, valendo-se dos recursos à sua disposição para tornar sua vida mais atraente, na arena competitiva da sociedade de mercado.

O filósofo e teórico político Achille Mbembe, no ensaio “Necropolítica” em 2003 articula uma crítica ao conceito de biopolítica de Foucault. A crítica não significa uma oposição ao conceito; na verdade, Mbembe aponta alguns limites e insuficiências teóricas sobre a biopolítica (ALMEIDA, 2021). Segundo o autor, a crítica de Mbembe reside no fato de que a biopolítica não abarca todas as dimensões e consequências da ascensão do neoliberalismo, principalmente, as transformações do racismo junto com a expansão e intensificação de uma lógica colonial no mundo (ALMEIDA, 2021).

Mbembe (2018a, p. 5) compreende que “ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder”. Nessa perspectiva, o autor preocupa-se com as experiências de destruição material dos corpos e populações juntamente com a “instrumentalização generalizada da existência humana” (MBEMBE, 2018a, p.10). Ao contrário de Foucault, que estabelece a gênese do racismo do Estado no nazismo, Mbembe (2018a) compreende que essa ideia já era presente no imperialismo colonial. O nazismo acentuou os ideais racistas, assassinos e suicidas do Estado dentro do continente europeu, mas é no colonialismo e na escravidão que ocorreram as primeiras experiências de biopolítica (MBEMBE, 2018a; ALMEIDA, 2021).

O nazismo é no máximo a fratura exposta que coloca a um só golpe o direito de matar e a biopolítica na constituição dos Estados modernos. Mas, na radiografia dos Estados modernos, o que aparece é a ossatura do colonialismo e do apartheid. O colonialismo e o apartheid estabelecem uma governamentalidade irreduzível ao “fazer viver e deixar morrer” da biopolítica. Trata-se, aqui, do necropoder e da necropolítica, em que a guerra, a política, o homicídio e o suicídio são as formas de exercício da soberania (ALMEIDA, 2021, p. 5).

É com o colonialismo que ocorre uma fusão entre morte e burocracia, como por exemplo, a proibição de casamentos mistos, esterilização forçada e extermínio de povos

(ALMEIDA, 2021). A necropolítica fundamenta-se na lógica de guerra, formação do inimigo externo e interno e, principalmente, no terror (ALMEIDA, 2021). Segundo Franco (2021), o objetivo principal da necropolítica é a destruição do inimigo, nessa perspectiva, necropolítica nada mais é do que o “poder da morte que se exerce sobre e por meio do corpo”.

Para Mbembe (2018a), as colônias onde a paz é sinônimo de guerra, o Estado visto como “civilizado” leva a racionalidade às colônias que são vistas como “selvagens”.

Em suma, as colônias são zonas em que guerra e desordem, figuras internas e externas da política, ficam lado a lado ou se alteram. Como tal, as colônias são o local por excelência em que os controles e as garantias de ordem judicial podem ser suspensos – a zona em que a violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da “civilização” (MBEMBE, 2018a, p. 35).

Nesse sentido, na colonização, soberania era sinônimo de ocupação, o colonizado ocupava o lugar entre sujeito e objeto, ou seja, o colonizado era descartável, aquele que não importa (MBEMBE, 2018a). Para o autor, o local onde o necropoder encontrou maior sucesso foi na Palestina, onde a fusão entre o disciplinar, a biopolítica e a necropolítica é vista em todos os aspectos da vida. Israel utiliza-se da rede infraestrutural social e urbana e apropria-se de recursos básicos para sobrevivência para delimitar quem se encontra no topo e quem tem que ser destruído (MBEMBE, 2018a).

Ao trazer a discussão da relação entre neoliberalismo e necropolítica, Mbembe (2018b), compreende, em conformidade com o aludido anteriormente, que o neoliberalismo se caracteriza pela racionalização do mundo de acordo com a lógica empresarial e consolida o trabalhador enquanto “empreendedor de si mesmo”. Desse modo, só existem os nômades do trabalho, o sujeito é abandonado pelo capital, ele não tem mais utilidade (MBEMBE, 2018b). O sujeito só é útil quando oferece sua vida em todos os aspectos como uma moeda de troca para o capital, “condenado à aprendizagem por toda a vida, à flexibilidade, ao reino do curto prazo, deve abraçar sua condição de sujeito solúvel e fungível, a fim de atender à injunção que lhe é constantemente feita – tornar-se um outro” (MBEMBE, 2018b, p.17).

No neoliberalismo ocorre a fusão do capitalismo e animismo, seres humanos são transformados em dados numéricos e códigos (MBEMBE, 2018b). Segundo o autor, ocorre, pela primeira vez na história, a universalização da condição negra que ele chama de “devir negro do mundo”. De acordo com Almeida (2021, p. 8), o neoliberalismo instaura a lógica colonial e seus riscos para toda a humanidade, “captura, predação, ocupação e exploração

tornou-se a forma administrativa das sociedades, atravessadas pelas exigências objetivas e subjetivas da reprodução econômica da etapa neoliberal”.

Para Almeida (2021), a governamentalidade neoliberal fundamenta-se na necropolítica. Assim, o autor conceitua a necropolítica da seguinte forma:

A necropolítica é a forma de exercício da soberania que se funda na expansão da lógica colonial, tendo em vista que a reprodução das condições objetivas e subjetivas da vida econômica se estabelece com a constante depreciação da vida material, com o aprisionamento do desejo na forma de mercadoria e com a financeirização de todos os âmbitos da vida. (ALMEIDA, 2021, p. 9).

Por fim, Franco (2021), compreende que a precarização se torna fundamental para a necropolítica, constitui caráter estrutural na produção capitalista e mercantilização da força de trabalho. Os indivíduos não têm importância, mal são considerados seres vivos, são reduzidos ao seu corpo, assim, não é possível delimitar o que separa o ser vivo do cadáver (FRANCO, 2021).

2.4 Plataformas digitais e o trabalho precarizado

Segundo Franco (2021), o processo de precarização do trabalho é fundamental no sistema neoliberal. O setor dos trabalhadores precarizados constituem os mais explorados e excluídos na sociedade capitalista. São “espoliados dos direitos trabalhistas e sociais, e carentes de acesso à representação sindical ou que, na melhor das hipóteses, estão vinculados a sindicatos extremamente frágeis” (FRANCO, 2021, p. 4).

Uma das formas de precarização mais presentes na atualidade é a plataformização do trabalho: a gestão, controle e expropriação do trabalho são realizadas por dispositivos digitais de gestão algorítmica de dados que fazem parte das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) (FRANCO, 2021).

Segundo Filgueiras e Antunes (2020), algumas das características das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) são: a comunicação entre trabalhadores, consumidores e empresas é feita de forma online; utilização de aplicativos e plataformas digitais; os dados digitais são utilizados em grande escala para organizar e gerir essas atividades; as relações são estabelecidas de acordo com demanda, não há nenhuma cláusula judicial que garanta a continuidade da atividade.

De acordo com Franco (2021), não existe mais a garantia de direitos ao trabalhador, pois, ele é visto como um “parceiro” da empresa, “ao mesmo tempo consumidor das tecnologias necessárias para a realização da sua atividade e prestador de serviços sob demanda de clientes anônimos” (p. 8). Para Filgueiras e Antunes (2020), as empresas se representam como intermediadoras da relação trabalhador - consumidor, ou seja, não há um contrato formal firmado entre empresa e trabalhador; as empresas defendem a ideia de que os trabalhadores realizam as atividades no momento que desejam.

Isso acarretaria, então, uma democratização dos meios de produção (basta ter um computador/celular, carro ou mesmo bicicleta) para a produção autônoma de renda, seja como criador, seja como parceiro de uma startup. E o léxico corporativo, com sua alta dose de mistificação, acrescenta: mais do que nunca, seu sucesso só depende de você. Tendência que se intensifica quando as empresas alegam disponibilizar aplicativos ou as plataformas digitais para pessoas que querem ofertar e melhorar seus negócios, engendrando a ideia de que o/as trabalhadores/as são clientes das empresas. (FILGUEIRAS; ANTUNES, 2020, p. 31).

Segundo dados do Ipea (2021), o Brasil conta com aproximadamente 1,4 milhão de entregadores e motoristas de empresas de aplicativo. Cerca de 4 milhões de trabalhadores tem como principal fonte de renda os serviços prestados para plataformas digitais (APPS COMO UBER..., 2019). De acordo com o Ipea (2021), nos aplicativos de transporte cerca de 94,94% são homens e 5,06% são mulheres, nos aplicativos de entrega cerca de 95,15% são homens e 4,85% são mulheres. No recorte racial, cerca de 59,2% dos entregadores são negros e 40% são brancos, para motoristas essa proporção é semelhante, cerca de 60% são negros e 38,5% são brancos. A maior parte dos entregadores (38%) tem idade entre 20 e 29 anos, já a maior parte dos motoristas estão na faixa entre 30 e 39 anos.

Para Filgueiras e Antunes (2020), a “uberização do trabalho” pode ser entendida como uma expressão de modos de ser do trabalho, as relações de trabalho são individualizadas e inviabilizadas ao extremo. Por meio da ideia de prestação de serviços, as empresas disfarçam o seu real propósito. Ao analisar profundamente as relações, nota-se que são formas diferenciadas de assalariamento e suas explorações; o trabalhador agora é responsável por suas despesas de seguridade, manutenção com veículos e quaisquer instrumentos utilizados para realizar as suas atividades (FILGUEIRAS; ANTUNES, 2020)

Sob o lema neoliberal da performance e concorrência, as empresas de aplicativo jogam no “parceiro” toda a responsabilidade pelos problemas e desafios que enfrentam no cotidiano do trabalho, sejam acidentes, doenças, assaltos, mal-estar, problemas com o aparelho celular ou

internet, punições da empresa, rendimento abaixo do esperado, solidão (FRANCO, 2021). Filgueiras e Antunes (2020, p.32), mostram que "a plataforma digital se apropria da mais-valia gerada pelos trabalhos, burlando sistematicamente as formas de regulamentação do trabalho existentes"; nessa perspectiva, com o avanço das novas tecnologias de informação e comunicação, intensifica-se o processo de precarização do trabalho contribuindo para a consolidação de um novo proletariado (FILGUEIRAS; ANTUNES, 2020).

Segundo Muniz, Teixeira e Silva (2020), nos últimos quarenta anos o capitalismo sofreu inúmeras transformações, entre eles, encontra-se o surgimento de um novo modo de trabalho pautado na flexibilização. Os autores demonstram que “os empreendimentos do capital passaram a ser dirigidos pelo capital financeiro, que, por sua vez, subordinou a esfera produtiva afetando as práticas e os modos de gestão do trabalho” (MUNIZ; TEIXEIRA; SILVA, 2020, p. 15). Desse modo, o Estado trabalha a serviço da burguesia financeira desregulamentando o mercado de trabalho e o financeiro. Assim, a lógica financeira passa a ser reguladora de todas as esferas da vida e modifica o trabalho, a vida e a mão de obra dos trabalhadores. Está última torna-se um mero produto que pode vir a ser descartado a qualquer momento (MUNIZ; TEIXEIRA; SILVA, 2020).

As transformações nos últimos quarenta anos se pautaram na acumulação flexível que, segundo Harvey (1992, p. 140),

A acumulação flexível, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos produtos e dos padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. A acumulação flexível envolve rápidas mudanças dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas, criando por exemplo, um vasto movimento no emprego no chamado “setor de serviços”, bem como conjuntos industriais completamente novos.

Para Antunes (2018), as subcontratações, *team work*, flexibilização, terceirização entre outras são pontos que prevalecem no atual mundo do trabalho. Nos novos modos de ser do trabalho, que são incentivados pelo capital, o que predomina são contratos temporários, pouca ou nenhuma estabilidade, sem registro em qualquer atividade, salário ou renda não são garantidos, direitos trabalhistas são poucos ou inexistentes (ANTUNES, 2018; FILGUEIRAS; ANTUNES, 2020).

De acordo com Filgueiras e Antunes (2020), as plataformas e aplicativos fazem uso de 11 medidas para controlar os trabalhadores:

1. Estabelecem quem pode trabalhar;
2. Estabelecem qual atividade será realizada;
3. Estabelecem qual atividade cada trabalhador irá realizar, proibindo a captação de clientes;
4. Estabelecem como as atividades serão realizadas;
5. Estabelecem o tempo para realizar a atividade;
6. Estabelecem o valor de cada atividade;
7. Estabelecem o modo de comunicação dos trabalhadores com as plataformas/gerentes;
8. Coagem os trabalhadores a realizarem as atividades constantemente e a não dispensarem a demanda;
9. Coagem os trabalhadores por meio de promoções e metas a serem cumpridas para que realizem as atividades por longos períodos;
10. Ameaçam os trabalhadores com a possibilidade de bloqueio no uso das plataformas e aplicativos;
11. Coagem os trabalhadores através da possibilidade de dispensa a qualquer momento e sem justificativa prévia.

Como expõe Franco (2021 p. 7),

Tomada como um dispositivo, a plataformização do trabalho envolve uma rede heterogênea e meta-estável de poderes e saberes – tecnologias, enunciados psicológicos-morais, ações estatais, legislações, dados algoritmos, inteligência artificial etc. – associada estrategicamente à racionalidade neoliberal ao autoritarismo e à financeirização do capitalismo.

Ao retomar o conceito de necropolítica, torna-se possível compreender que o neoliberalismo opera na precarização do corpo do trabalhador, lembrando-o de sua obsolescência e de sua constante luta por sobrevivência no sistema capitalista, valendo-se do poder do Estado neoliberal (ameaça e violência) para manter o trabalhador amedrontado (FRANCO, 2021). Segundo Fontes (2017), atualmente está escancarado como o modo de funcionamento da sociedade capitalista transforma a maioria da população em uma massa trabalhadora excluída de direitos e defesas e com extensas jornadas de trabalho:

[...] além do aumento do tempo de trabalho direto e indireto, pelo recuo das aposentadorias. Nunca ficou tão claro o papel do Estado como agenciador ex ante, apoiado em entidades empresariais, elas também “sem fins lucrativos”. Agora, trata-se de disciplinar a necessidade direta, reduzindo-se a intermediação tradicional do despotismo fabril. O Estado deve converter-se em controlador ex post (pelo convencimento e pela violência) dessas massas de trabalhadores, assegurando sua docilidade e disponibilidade para formas de sujeição ao capital desprovidas de direitos. Tanto a rapinagem empresarial, como a escala da concentração e centralização, assim como o papel cumprido pelo Estado, estão evidentes. (Fontes, 2017, p. 64).

O slogan de ampla flexibilidade, na verdade, é uma fachada, pois, o que predomina é a ampla instabilidade, vulnerabilidade, uma jornada de trabalho maior e cansativa para garantir o mínimo de sobrevivência e manutenção dos instrumentos necessários para realizar as atividades para a empresa (FILGUEIRAS; ANTUNES, 2020). A precarização do trabalho é um ponto fundamental para neoliberalismo porque possibilita de uma só vez medidas que promovam a competitividade/concorrência nacional e internacional, racionalidade empresarial para todas as esferas (política, social, cultural, subjetiva), destruição dos direitos trabalhistas e sociais (FRANCO, 2021).

Franco (2021, p. 9) analisa o que realmente acontece com os trabalhadores nas suas jornadas de trabalho:

No dia a dia das entregas e serviços plataformizados, o mal-estar dos trabalhadores revela a distância entre o ideal do empresário de si e as condições efetivas de trabalho. A queda progressiva dos valores pagos por quilômetro rodado enquanto se aumenta o tempo de espera por pedidos, as punições inexplicáveis, os riscos potencializados pelo contexto epidêmico, a necessidade de se cadastrar em mais de um aplicativo para garantir algum rendimento mensal – abaixo do suficiente – , as jornadas de trabalho que facilmente excedem dez horas diárias, os custos de manutenção dos equipamentos e instrumentos de trabalho, a sensação de que não se é ouvido nem reconhecido pela empresa, o sentimento de “estar batendo a cabeça” sozinho, os desgastes físicos sentidos no próprio corpo e no dos colegas, sem conseguir acesso fácil a banheiro, passando sede e fome [...].

Assim, o neoliberalismo constrói todo um aparato governamental, constituído por saberes e tecnologias que produzem fragilidades, inconsistências, sofrimentos e desigualdades com a desculpa de produtividade máxima a todo momento (NEVES, et al., 2021).

2.5 Performance, saúde mental e sofrimento

O neoliberalismo propaga a ideia de que “seriam as características e esforços individuais que definiriam a ascensão na hierarquia social [o que] coloca a categoria indivíduo

(individualização), em um lugar de centralidade no discurso neoliberal, buscando manter os corpos produtivos e dóceis, e com isso, o bom o funcionamento da máquina capitalista” (SECCO; KOVALESKI, 2021, 1914). Franco et. al (2021) destacam que a lógica do mercado constitui um palco de realização onde ele deve seguir o padrão de competitividade e otimizar suas capacidades.

Secco e Kovaleski (2021) apontam que a sociedade contemporânea se baseia em uma ideia de performance visível. Os indivíduos competem entre si para se sobressair nesse mundo de aparências. De acordo com Sibilia (2015), a performance é um termo que carrega inúmeras contradições e ambiguidades, seguindo um sentido artístico, o termo caracteriza-se por um ato desempenhado por um ou vários atores a fim de obter a percepção e aprovação do público.

A autora expõe que, ultimamente, o termo ganhou novas denominações e tem sido aplicado em diferentes esferas. No momento atual, ao falar-se de performance sempre remetemos ao desempenho profissional de uma pessoa e esse desempenho influencia em todas as áreas de sua vida. Não é surpresa que muitos teóricos, ao caracterizar a sociedade atualmente referem-se a ela como a sociedade da performance ou era da performance; em termos políticos, a performance é encarada como uma nova ideologia (SIBILIA, 2015).

Sibilia (2015, p. 354), coloca que:

A competitividade regida pelo mercado – uma das principais premissas que mobilizam o mundo contemporâneo – parece se inspirar nos valores do atletismo ao estimular a ultrapassagem dos próprios limites e uma busca de aperfeiçoamento que não reconhece barreiras para vencer os demais, seja no ambiente empresarial ou em qualquer outro âmbito hoje apreciado sob o signo do sucesso.

De acordo com Secco e Kovaleski (2021), o discurso neoliberal vende uma ideia de performance caracterizada pela obsessão pelo sucesso, reconhecimento e valorização; para isso, os indivíduos recorrem ao consumo de substâncias farmacológicas, especialmente psicotrópicos, para superar seus próprios limites e atender a expectativa inalcançável do neoliberalismo. Seguindo o mesmo raciocínio, Bauman (2008 apud FURTADO; SZAPIRO, 2015, p. 170) afirma que o sujeito moderno deve estar “perpetuamente à frente de si mesmo, em um estado de constante transgressão [o que] significa também ter uma identidade que só pode existir enquanto um projeto não realizado”.

O neoliberalismo instaura uma lógica de padronização de comportamentos e da temporalidade, ou seja, qualquer comportamento fora do padrão neoliberal imediatista ou

qualquer mal-estar se torna um distúrbio, uma insuficiência (BASOLLI; BENELLI, 2019). A sociedade contemporânea recorre às fórmulas químicas ou qualquer a tratamento que garanta o alívio imediato de um conflito ou um mal-estar próprio da existência humana (BASOLLI; BENELLI, 2019). A partir da década de 1970, começa a surgir o fenômeno da medicalização da vida, uma linha tênue separa o saudável e patológico, a saúde e a doença, o aceitável e o intolerável (BASOLLI; BENELLI, 2019; NEVES et al., 2021).

O ser humano não é visto enquanto uma pessoa inteira, como um sujeito e, sim, como um mero objeto que pode ser fragmentado ou dividido em inúmeras partes (BASOLLI; BENELLI, 2019; NEVES et al., 2021). Os aspectos sociais, políticos, históricos, relacionais e subjetivos que atravessam cada partícula do sujeito são desconsiderados, as peças fundamentais que compõem a existência humana são excluídas da cena porque o único ponto que importa para o neoliberalismo é a lógica do mercado (BASOLLI; BENELLI, 2019). Nesse sentido, segundo os autores, na sociedade contemporânea neoliberal, há um único tempo, as individualidades são colocadas sob o mesmo prisma. O político, o social, a cultura e a subjetividade não ocupam espaço na leitura dos sintomas porque tudo é uma disfunção, tudo é um desvio da norma (BASOLLI; BENELLI, 2019).

De acordo com Furtado e Szapiro (2015), a sociedade contemporânea é obcecada com o novo, a produtividade e a concorrência; a conduta humana é controlada pelo mercado e esse é o motor da economia global. Ou seja, o mercado torna-se a religião do homem na contemporaneidade. Com o advento do neoliberalismo e o avanço das tecnologias de comunicação e informação ocorreu a anulação dos limites no vocabulário e na conduta da sociedade, a subjetividade é controlada pela eficácia, performance, flexibilidade e superação dos limites (FURTADO; SZAPIRO, 2015)

Para as autoras, surge uma nova conduta na sociedade, surge um novo sujeito e uma nova forma de lidar com o sofrimento. O sujeito contemporâneo busca pela felicidade, a felicidade é vista como um “direito por natureza” (FURTADO; SZAPIRO, 2015, p. 175), a felicidade torna-se uma obrigação e depende exclusivamente da performance e da eficácia de cada pessoa em gerir sua vida (sua empresa).

O que está em jogo aqui é a busca por um bem-estar, com toda carga fantasiosa de um estado de vida melhor do que aquele que se vive no presente. Trata-se de viver uma vida melhor, da busca por um wellness que está para além da cura e de sua promessa de reestabilização de uma pretensa normalidade do funcionamento orgânico. Mas no campo do gozo, as definições do que seria uma vida melhor já não são oriundas dos

desequilíbrios internos de cada sujeito. Essas definições são marcadas por dinâmicas e interesses que lhe escapam, mas que lhes chegam como ideais a serem buscados. Ora, o conjunto desses ideais, tal como vimos no caso do ideal de liberdade presente nas matrizes psicológicas do neoliberalismo, é definido segundo os interesses econômicos da lógica neoliberal (NEVES et al., 2021, p. 147)

Se a felicidade é uma obrigação, o sofrimento e o mal-estar são intoleráveis, são sinônimos de fracasso e incompetência. Se cada sujeito é “empresa de si mesmo” quando ocorre a experiência de mal-estar, ele é intimado a gerir suas emoções, ou seja, alcançar uma boa performance, ser feliz (FURTADO; SZAPIRO, 2015). Nessa perspectiva, a saúde e a saúde mental, especificamente, tornam-se mais um objeto de consumo no neoliberalismo (NEVES et al., 2021).

Almeida Filho, Coelho e Peres (1999, p. 123) definem saúde mental da seguinte forma,

A saúde mental significa um *socius* saudável; ela implica emprego, satisfação no trabalho, vida cotidiana significativa, participação social, lazer, qualidade das redes sociais, equidade, enfim, qualidade de vida. Por mais que se decrete o fim das utopias e a crise dos valores, não se pode escapar: o conceito de saúde mental vincula-se a uma pauta emancipatória do sujeito, de natureza inapelavelmente política.

A saúde não é ausência de doença, falar de saúde mental é falar sobre determinantes sociais, políticos, históricos e relacionais, saúde mental é um conceito transdisciplinar (ALMEIDA FILHO; COELHO; PERES, 1999) Segundo Furtado e Szapiro (2015), se não há lugar para a experiência de mal-estar, se ela é negada, o indivíduo perde a capacidade de vivenciar de forma completa as experiências da vida e de elaborar o sofrimento como algo que faz parte da experiência humana. Como consequência do discurso neoliberal, os indivíduos recorrem a substâncias farmacológicas, pseudoterapias ou qualquer instrumento que possibilite uma felicidade instantânea e uma boa performance (FURTADO; SZAPIRO, 2015).

Secco e Kovaleski (2021, 1916), mostram que,

Para tamponar qualquer manifestação e emergência de afetos indesejados ao mercado, como insatisfação, preguiça, insegurança, medo, tristeza, entre outros, considerados negativos “pelo empreendedorismo de si”, o autocontrole passa a ser uma demanda do sujeito, que busca silenciar sua subjetividade que insiste em aparecer. Para isso, um dos apoios em busca da performance empreendedora é a utilização de medicamentos, estimulantes e polivitamínicos, que ultrapassando o uso terapêutico, torna-se cotidiano e generalizado a fim de dar condições ao sujeito de sustentar a imagem de sucesso e de autor de sua própria história.

Nessa perspectiva, o Estado neoliberal assume uma posição de trabalho a serviço das empresas, enquanto negligencia e, até mesmo, impossibilita o acesso aos direitos humanos básicos como saúde física e mental, educação e saneamento. Pautado na precarização e insegurança, o neoliberalismo transfere a responsabilidade pelas violências sociais do Estado para os próprios indivíduos (SECCO; KOVALESKI, 2021).

De acordo com Franco (2021), a “necrogovernamentalidade” do neoliberalismo desenvolve um processo de precarização subjetiva nos sujeitos, “fomentando formas de sofrimento psíquico que, a um só tempo, capturam e engajam os sujeitos na sua própria exploração pelo mercado” (p. 10). Para o autor, a precarização do trabalho com o tempo resulta na destruição da existência dos trabalhadores e tem como consequência a angústia. Ao analisar as plataformas digitais e a jornada de trabalho dos indivíduos é possível notar quatro elementos que tornam possível a emergência da angústia (FRANCO, 2021):

1. Combater e desestabilizar a capacidade de organização coletiva dos trabalhadores, o que acarreta a individualização do sofrimento e culpabilização do trabalhador;
2. Fortalecimento da sensação de fracasso e descartabilidade;
3. Impossibilidade de significar as jornadas de trabalho, as regras e o fluxo de demandas;
4. Lidar com a ausência de um gerente/chefe para comunicar dúvidas, reclamações e solicitações, tudo é substituído por algoritmos.

Franco (2021, p. 13) caracteriza a angústia como “o afeto do desamparo decorrente da ruptura dos anteparos subjetivos que localizavam o sujeito em suas relações com o Outro”. Nessa perspectiva, os trabalhadores lidam com algoritmos, com a intimação para superar suas metas e limites a todo momento (FRANCO, 2021, p. 13). Como Mbembe (2018b) coloca, o sujeito se vê abandonado pelo capital e, consumido pelo discurso do culto à performance e da intolerância ao mal-estar (FURTADO; SZAPIRO, 2015), nada mais resta do que a angústia (FRANCO, 2021). Safatle (2021) compreende que o neoliberalismo instaurou uma nova forma de sofrer, ele retira da consciência humana a possibilidade de o sofrimento ser uma violência social.

Assim sendo, como síntese conclusiva, observa-se que o neoliberalismo pode ser compreendido como um “conjunto de discursos, práticas e dispositivos” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17), o que implica dizer que a racionalidade neoliberal abarca dispositivos que agem

sobre a vida (biopolítica) e sobre a morte (necropolítica). Esses dispositivos presentes na precarização do trabalho e, conseqüentemente, na precarização da vida mostram que o trabalhador perde sua condição de humano constituído de direitos e passa para a condição de algoritmo manipulável. Ao trabalhador resta apenas se reinventar e superar os próprios limites para que não perca a luta constante da sobrevivência. Excluído da possibilidade de elaboração do sofrimento, dos desejos e das emoções, sobra para o trabalhador ser culpabilizado pela violência social da qual é vítima.

A presente pesquisa tem o objetivo de explorar essas considerações. O tópico a seguir apresenta o delineamento metodológico de coleta e análise de dados, obtidos por meio de entrevistas com trabalhadores do setor precarizado das plataformas digitais. Logo após será apresentado os resultados obtidos nas entrevistas, seguido pela análise dos resultados à luz desta fundamentação teórica.

3 MÉTODOS

3.1 Delineamento

O tipo de delineamento da pesquisa consiste em: pesquisa qualitativa com estudo de caso. O estudo de caso caracteriza-se por um estudo mais extenso e minucioso de um ou poucos objetos, o que permite uma pesquisa mais ampla e detalhada sobre o tema escolhido (GIL, 2002). Para Godoy (1995, p. 25), “o estudo de caso tem se tornado a estratégia preferida quando os pesquisadores procuram responder às questões “como” e “por quê”, [...] quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais [...]” Segundo o autor (GODOY, 1995), a pesquisa qualitativa analisa o fenômeno a partir de uma perspectiva integrada, o pesquisador busca compreender o fenômeno sob a ótica das pessoas envolvidas na pesquisa.

De acordo com Fraser e Gondim (2004, p. 145), na pesquisa qualitativa compreende-se os participantes enquanto sujeitos que “constroem seus discursos e baseiam suas ações nos significados derivados dos processos de comunicação com os outros”. Nessa perspectiva, o entrevistado pode se expressar e o entrevistador aprofundar tópicos que sejam relevantes para a pesquisa.

3.2 Participantes

Para a pesquisa qualitativa, pretendia-se realizar entrevistas individuais com 10 pessoas adultas que trabalham com serviços de entrega ou transporte privado em plataformas digitais. Porém, apenas 5 pessoas se encaixaram nos critérios de inclusão e aceitaram participar. Os critérios de inclusão dos participantes na amostra para a pesquisa foram: a) etário: adultos na faixa etária de 18 a 65 anos, que se encontram, portanto, entre a população economicamente ativa, que realizam serviços de entrega ou transporte privado em plataformas digitais; b) gênero: 2 mulheres e 3 homens¹; c) territorial: residente no Brasil.

A divulgação da pesquisa, recrutamento de participantes e entrevistas foram realizadas de forma online, através de chamadas/convites nas redes sociais, convites em grupos da plataforma WhatsApp e indicações.

Inicialmente, a ideia era entrevistar 10 pessoas (3 mulheres e 7 homens), porém, algumas pessoas que se candidataram para realizar a entrevista não se encaixaram em algum dos critérios de inclusão. Houve pessoas que aceitaram participar, mas, desistiram ao longo da pesquisa. Além disso, algumas pessoas se recusaram a participar da entrevista. Dessa forma, ao final da coleta de dados, apenas 5 pessoas (2 mulheres e 3 homens) aceitaram participar da pesquisa.

3.3 Local

Devido a pandemia da Covid-19, as entrevistas foram realizadas de forma online porque apesar da flexibilização das medidas de proteção e período de estabilidade dos casos, não era possível prever a situação no momento de realização das entrevistas em julho ou agosto. Foi enviado ao interessado em participar da pesquisa, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo II), com todas as informações sobre a pesquisa e as estratégias de coleta de dados – realização da entrevista -, e solicitado à assinatura de concordância antes de iniciar as tratativas para a realização da entrevista. Para os que aceitarem os termos do TCLE, foi informado o tempo de duração e a necessidade de encontrar um local tranquilo para que a pesquisa se realize de forma adequada, sem interrupções.

Duas entrevistas foram realizadas através da plataforma Zoom. Três participantes optaram por realizar a entrevista através vídeo chamada pelo WhatsApp porque é um aplicativo mais acessível e que geralmente não consome dados de planos de internet, não ocasionando custo extra ao participante. Em duas entrevistas, devido a um problema com o computador, as gravações foram perdidas. As respostas foram digitalizadas e, em seguida, enviada para as participantes para correção ou adicionar o que consideram importante.

3.4 Instrumentos de coleta de dados

Antes do início da etapa de coleta de dados desta pesquisa, inicialmente o projeto de pesquisa foi submetido e, então, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Taubaté.

O instrumento utilizado para a pesquisa foi a entrevista semiestruturada. A entrevista é uma técnica fundamental para a prática profissional e acadêmica e se caracteriza como uma técnica de investigação social e psicológica. Ela é um dos instrumentos que possibilitam o estudo dos fenômenos psicológicos e sociais. Ela é utilizada em todas as áreas e abordagens, constituindo a interação entre a teoria e a prática (BLEGER, 2003; BENJAMIN, 2005).

A entrevista semiestruturada, caracteriza-se por uma entrevista com uma estruturação moderada onde o entrevistador segue um roteiro de tópicos ou perguntas gerais, mas que no decorrer da entrevista, pode formular novas perguntas com base nas respostas dos participantes (FRASER; GONDIM, 2004).

De acordo com Fraser e Gondim (2004), a entrevista semiestruturada juntamente com a não estruturada são as mais utilizadas em pesquisas qualitativas. Para as autoras (FRASER; GONDIM, 2004, p. 145. “a defesa da não estruturação ou semi-estruturação da entrevista na pesquisa qualitativa é que esta abordagem almeja compreender uma realidade particular e assume um forte compromisso de transformação social”. Essa abordagem possibilita que ocorra um momento de autorreflexão dos participantes sobre o contexto que vivem.

3.5 Análise de dados

Para analisar a presente pesquisa foi utilizado o método espiral de análise de dados proposto por Creswell (2014). Esse método é dividido em cinco partes: organização dos dados; leitura e lembretes; descrição, classificação e interpretação dos dados em temas (o autor chama de códigos, porém, nessa pesquisa, será utilizado o termo “tema”); interpretação dos dados; representação e visualização dos dados.

Segundo Creswell (2014), a organização dos dados, consiste na organização das informações obtidas pelos instrumentos de coleta de dados. A segunda parte (leitura e lembretes) é caracterizada pela leitura minuciosa dos dados, além de pequenas anotações de ideias ou conceitos chaves que se sobressaem na leitura que auxiliam na formação de categorias iniciais de análise.

Em uma pesquisa qualitativa, a parte de descrição, classificação e interpretação dos dados em códigos e temas é fundamental na análise (CRESWELL, 2014). Segundo o autor (p. 150), “aqui os pesquisadores montam descrições detalhadas, desenvolvem temas ou dimensões e fornecem uma interpretação à luz da sua própria visão ou das visões de perspectiva na literatura”. Após uma descrição detalhada a respeito do contexto da pesquisa, o pesquisador começa a separar/classificar as informações em categorias ou temas que “são unidades amplas de informação que consistem em diversos códigos agregados para formarem uma ideia em comum” (CRESWELL, 2014, p. 151).

Após a realização das entrevistas, os dados obtidos foram organizados, classificados em códigos de análise e interpretados como proposto pelo método espiral de análise de dados de Creswell (2014). Em um primeiro momento, todo o material gravado e transcrito foi lido e relido minuciosamente, ao mesmo tempo, foram feitas as primeiras anotações sobre os conteúdos em notas ao lado dos textos. Na sequência, organizou-se uma tabela com os

conteúdos de cada entrevista, referentes às categorias de análise (Anexo I - Tabela – Entrevistas). De posse desse instrumento, um perfil dos entrevistados foi redigido. Em seguida, organizou os discursos em cinco categorias de análise (Anexo I), dividida em:

1. Empresa x Trabalhador.
2. O discurso neoliberal e o trabalho na empresa de aplicativo.
3. O neoliberalismo e as relações interpessoais.
4. O trabalho nas empresas de aplicativo e as emoções dos trabalhadores.
5. O trabalho nas empresas de aplicativo e a saúde dos trabalhadores.

A parte da interpretação consiste em compreender as categorias/temas a partir da literatura científica. Por fim, a representação e visualização de dados consiste em uma síntese do que foi encontrado na análise, utiliza-se textos, tabelas, figuras, diagramas ou matrizes (CRESWELL, 2014). A interpretação dos dados foi realizada no capítulo de análise e consistiu na comparação sistemática dos resultados levantados com a literatura sobre o tema, revisada na fundamentação teórica. Os dados foram dispostos de forma discursiva, uma vez que permite apresentar a complexidade do tema.

4 RESULTADOS

4.1 Perfil dos entrevistados

Todos os participantes entrevistados prestam serviço para empresas de aplicativo na área do transporte de passageiros, quatro participantes se encontram na faixa etária de 30 a 40 anos e um participante possui 65 anos. Participaram da pesquisa três homens e duas mulheres, quatro possuem Ensino Médio Completo e uma participante possui Ensino Superior Completo. Três participantes possuem outra fonte de renda: a participante C é empregada doméstica, o participante D é servidor público e o participante E conta com uma aposentadoria. Apenas o participante E é aposentado.

Todos os participantes são a única renda familiar e trabalham com um veículo próprio, apenas o participante E não comprou o veículo para trabalhar com o aplicativo. Quatro participantes começaram as atividades no serviço entre o período de 2017 a 2019, a participante C foi a única que começou as atividades em 2021 durante a pandemia da COVID-19. As participantes B e D trabalham a menos de 3 anos como motorista de aplicativo e o participante E é o único com mais de 5 anos de serviço.

Nas entrevistas realizadas, dois participantes (C e D) relataram que iniciaram o trabalho para a empresa de aplicativo com o intuito de complementar a renda familiar. Outros dois participantes (B e E) relataram que foram motivados a trabalhar como motoristas de aplicativo pois encontravam dificuldades para arranjar um emprego. O participante E traz um aspecto importante que é relação entre faixa etária e mercado de trabalho: “chega numa certa idade, você passa a ser obsoleto para o mercado de trabalho”. Por fim, o participante A relatou que começou a trabalhar com o serviço de transporte para empresas de aplicativo devido a indicação de amigos se encontravam na área.

4.2 Categoria: empresa x trabalhador

Na categoria de análise empresa x trabalhador (Anexo I), foram construídos cinco temas: jornada de trabalho; comunicação com a empresa; direitos e auxílios; como se representa enquanto trabalhador na empresa de aplicativo; melhorias necessárias nas condições de trabalho. Em relação a jornada de trabalho, o participante D é o único que trabalha menos de seis horas por dia, realiza as corridas apenas na ida e volta do trabalho de servidor público. Os

outros quatro participantes trabalham de 8 a 12 horas por dia, a participante B, no entanto, trabalha mais de 12 horas por dia nos fins de semana:

Durante a semana, sem ser férias escolares, trabalho nos horários de pico, das 5:00 às 09:00 da manhã, das 11:00 às 14:00 e das 16:00 às 18:00 quando tenho aula. Quando não tenho aula, vou das 16:00 às 00:00 ou 01:00, às vezes, para às 22:00, mas depende do cansaço. [...] No final de semana, não paro. Sexta, sábado e domingo é o dia inteiro, vou embora para casa, durmo, acordo e vou trabalhar.

Em relação a comunicação com a empresa, quatro participantes relatam que não há comunicação com a empresa, apenas o participante E relata que tem pouca comunicação com a empresa de aplicativo. Em relação aos direitos e auxílios oferecidos pela empresa de aplicativo, todos os participantes relataram que a empresa não oferece nenhum tipo de suporte para os motoristas, as respostas se complementam.

Participante A: Não tem nenhum tipo de auxílio, não tem cesta básica, não tem vale alimentação, vale refeição, não tem. Você fica doente não tem onde levar um atestado, entendeu? [...] Não tem benefício, não tem nenhum tipo de auxílio e qualquer coisa que acontece é problema seu. A empresa não te dá o menor suporte.

Participante B: Não há suporte nenhum, tudo fica na conta do motorista, despesa com o carro, com si mesmo, a empresa não cobre nenhum custo. A empresa só está lá, ela não quer saber, não tem nenhum tipo de auxílio, é tudo por minha conta.

Participante C: Não há nenhum suporte da empresa em relação a isso, a gasolina está muito alta e a empresa não oferece nenhum tipo de suporte em relação a isso.

Participante D: Seja valor financeiro ou, pelo menos, até que seja para falar desculpa. Não tem nada disso. Então, a pessoa trabalha praticamente por ela e os riscos também são dela. [...] Você não tem nenhum vínculo trabalhista, você não tem nada com a empresa de aplicativo.

Participante E: A empresa não tem nenhum tipo de vínculo empregatício comigo. Portanto, se ela quiser me excluir da plataforma agora, eu não tenho direito algum.

No tema como se representa enquanto trabalhador na empresa de aplicativo, o participante A não soube responder essa pergunta, as respostas das participantes B e C se complementam, a primeira compreende que é “mais um número, mais uma na empresa” e a segunda se vê como uma boa motorista e compreende que a empresa “vê os motoristas apenas como uma fonte de lucro, quanto mais corridas, mais lucro a empresa obtém”. O participante E se vê como um motorista de aplicativo, “eu presto serviço para uma empresa idônea”. Por fim, o participante D é o único que não se representa enquanto trabalhador na empresa de aplicativo:

Ainda bem que eu não me represento porque se eu me representasse, eu estaria muito desanimado. E o que eu vejo também, pessoas que trabalham apenas com isso, a pessoa pode até não falar, mas a pessoa não se sente motivada, não tem uma expectativa de vida para frente porque ela não quer voltar ao mercado de trabalho para

trabalhar 8 horas por dia. Ela não quer voltar a isso porque vai ficar presa e, ao mesmo tempo, ela se vê escrava de uma empresa.

Ao falar sobre as melhorias necessárias nas condições de trabalho, as respostas dos participantes A, B e D se complementam, os três compreendem que a principal mudança deve ser no valor das corridas, porém, o participante A relata que não é necessário melhorias nas condições de trabalho porque “não tem o que mudar, é você entrar no carro, abrir o aplicativo e trabalhar; a empresa não vai ficar dando mais que isso, não adianta você querer brigar”.

A participante B compreende que além na mudança no valor das corridas, a empresa deveria oferecer um auxílio em relação às despesas dos motoristas. A participante C compreende que a mudança necessária é em relação à segurança do motorista: “saber mais sobre o passageiro”. O participante E compreende que a mudança necessária é em relação à valorização dos motoristas que trabalham há mais tempo com a empresa.

Valorizar mais aqueles motoristas que estão com ela há muito tempo. [...] embora ela não te valorize, mas é uma empresa que, de certa forma, me dá meu ganho do mês, mas que ela deveria valorizar mais esse tipo de trabalho com relação aos motoristas que ela tem na empresa eu acho que deveria. Em todos os aspectos né? É profissional, pessoal. [...] Qualquer empresa que você trabalhe, se você é uma boa funcionária, você gostaria de ser valorizada pelo seu empenho, pela sua dedicação.

Nota-se que todos os participantes compreendem que existe alguma mudança a ser feita nas condições de trabalho: valor das corridas, auxílio nas despesas, segurança e valorização. Em relação a representação como motorista de aplicativo, duas respostas se complementam, dois participantes dão respostas opostas, um se representa como motorista e outro não se representa. Três participantes possuem jornadas semelhantes de trabalho, de 8 a 12 horas, um trabalha menos que seis horas por dia e outra participante trabalha mais de 12 nos fins de semana. As respostas se assemelham em relação a comunicação com a empresa e aos direitos e auxílios fornecidos.

4.3 Categoria: o discurso neoliberal e o trabalho na empresa de aplicativo

Na categoria o discurso neoliberal e o trabalho na empresa de aplicativo (Anexo I) surgiram os seguintes temas: flexibilização; precarização do trabalho; visão a respeito dos desafios enfrentados; culpabilização e responsabilização; performance, superar obstáculos e desafios.

Em relação a flexibilização as respostas dos participantes se complementam, todos enxergam como algo positivo a flexibilidade da jornada de trabalho, fazer o próprio horário, trabalhar quando há necessidade, quando há disposição, são vistos como características positivas do trabalho em plataformas. O participante D em seu discurso faz uma análise do porquê os outros motoristas ainda trabalham com a empresa:

Eu vejo pessoas que trabalham ainda, assim que trabalham o dia todo, mas o gasto é muito grande, entendeu? Não é um valor muito significativo, mesmo assim, creio eu que para a pessoa acaba sendo um pouco melhor porque faz o seu horário, aí eu quero rodar hoje, a não vou rodar hoje, então é só pela sua flexibilidade, não pelo trabalho em si porque tem muita empresa que vai pagar aí um salário-mínimo e meio, né? Para você trabalhar 8 horas por dia, de segunda a sexta e ainda tem o sábado. *Então, na empresa X, eu acho que atrai os motoristas ainda é isso porque você pode fazer sua flexibilidade.*

Em relação ao tema precarização do trabalho, as respostas também se complementam; todos os participantes em algum momento dos seus discursos, relatam alguma vivência ou comportamento que condiz com o conceito de precarização do trabalho desenvolvido na fundamentação teórica dessa pesquisa. O participante A relata que quando começou a trabalhar para a empresa de aplicativo, ele e outros motoristas se perguntavam qual seria a atitude da empresa caso desenvolvesse alguma limitação da condição física relacionada à longa jornada de trabalho:

[...] o tempo foi respondendo que não, sabe? Não. É sua conta e risco, sabe? Ela não te obriga a trabalhar, então, se você está abusando da sua saúde, a culpa e a consequência é toda sua. Ela não estava mandando você ficar *online*, falando que você tem que fazer corridas, ela está ali. Trabalha quem quer, se você está sentindo dor [...]

A participante B mostra o tema precarização do trabalho em seu relato da jornada de trabalho, ao falar que na sexta, sábado e domingo são mais de 12 horas de trabalho e dorme cerca de três horas, “é só o tempo para descansar”. Além disso, a participante relata sobre a falta de motivação: “não tenho motivação para trabalhar, [...] faz corrida, ganha só R\$ 5,00 e no final o cliente ainda quebra maçaneta do carro. É desmotivador”.

A participante C relata que, ao comprar o carro para trabalhar com a empresa de aplicativo tinha a expectativa de que o retorno financeiro seria maior e, ao realizar as corridas seria possível pagar as parcelas do carro. Porém, essa expectativa não se concretizou, segundo a participante: “em alguns momentos, preciso tirar do bolso para pagar algo que não deveria ser assim”. O participante E relata que a organização financeira é necessária nesse serviço, pois,

sem ela não é possível sobreviver, além disso, conta que como a empresa não fornece nenhum vínculo empregatício, “se ela quiser me excluir agora, eu não tenho direito algum”.

O participante D relata uma experiência e faz uma análise da situação:

[...] eu rodei 2 semanas, deu para fazer, vamos colocar R\$ 1.500. Fiquei com uma quantia boa de dinheiro, legal, bacana, você fica “nossa, está fazendo dinheiro”. Mas, é o meu caso, eu tive que trocar a pastilha de freio de disco e teve até bateria que foi nessa semana seguinte. [...] Então assim, o dinheiro que eu fiz fiquei tão alegre, né? Por ter feito dinheiro, mas, acaba sendo como ilusório porque eu tive que fazer a manutenção do carro. Então você fala “pô cadê o dinheiro que entrou?” Não entrou. Então, tudo bem que foi para pagar uma peça do carro, mas se eu dependesse desse dinheiro para pagar um aluguel, fazer compras, alguma coisa eu não teria ou, então, eu teria que rodar mais para conseguir fazer.

O tema visão a respeito dos desafios enfrentados foi encontrado em quatro respostas (A, B, C e E). As respostas dos participantes A, B e E se complementam, a participante B e o participante E compreendem que os desafios são mais relacionados aos passageiros. O participante A compreende que são vários desafios: passageiros, controle do dinheiro, conservar o carro, perigos do dia a dia. A participante C compreende que o maior desafio é em relação à segurança, pois algumas regiões da cidade são mais perigosas.

Em relação ao tema culpabilização e responsabilização, os relatos se complementam, todos os participantes compreendem que de alguma forma o motorista é responsabilizado pelas intercorrências das viagens ou pela dinâmica do aplicativo. De acordo com o participante A, como não há benefícios ou auxílios, qualquer desconforto físico é culpa do motorista e não da empresa, “a empresa é aquilo mesmo, fica *online* quem quer, trabalha quem quer e se você ficar doente, se você ficar com a coluna ruim, se você ficar com problema no joelho o problema é seu”.

As participantes B e C compreendem que “tudo fica na conta do motorista” ou “tudo é por conta do motorista”. O participante D relata que os riscos são responsabilidade do motorista, “o prejuízo é meu”. O participante E compreende que a decisão de não trabalhar em um dia da semana traz uma consequência: não receber o dinheiro: “eu não preciso cumprir, só que quem vai sofrer as consequências posteriores sou eu mesmo, né?”.

Sobre o tema performance, superar obstáculos e desafios, nos relatos das participantes B e C não é possível encontrar essa informação. Os relatos dos participantes A, D e E se complementam. Todos compreendem que são habilidades pessoais que permitem lidar com as

possíveis intercorrências das jornadas de trabalho. O participante A compreende que o motorista tem que ser esperto para prever situações de perigo e se esquivar de forma educada de passageiros que acham “que somos motoristas particulares contratados por eles”.

O participante E compreende que é necessário o motorista ter “jogo de cintura” para lidar com passageiros que são agressivos e assediadores porque, caso contrário, o prejudicado é o próprio motorista. O participante D compreende que cada pessoa é responsável pela própria motivação e determinação, “se a gente deixar o nosso externo mudar a gente, a gente acaba não tendo coragem nem motivação para nada, então eu sempre procurei me controlar”. Além disso, compreende que cabe ao motorista ter calma e tranquilidade para lidar com as possíveis intercorrências que surgem ao longo da jornada de trabalho.

4.4 Categoria: o neoliberalismo e as relações pessoais

Na categoria o neoliberalismo e as relações interpessoais (Anexo I) surgiram três temas: relações com os colegas de profissão; relação com familiares e amigos; relação com os clientes.

Sobre o tema relações com os colegas de profissão, todos os participantes relataram que conversam ou já conversaram com os colegas sobre desconfortos físicos e emocionais, sobre as jornadas de trabalho e sobre a empresa.

Três participantes (B, D e E) relataram que formam grupos com outros motoristas. Os relatos de B e E se complementam, ambos relatam que o objetivo dos grupos formados são que os motoristas auxiliem uns aos outros em intercorrências durante as viagens. A participante B relata que “tem um código entre nós que se precisar de ajuda é só mandar esse código que alguém vai ver o que está acontecendo”. O participante E relata que “a gente não tem assim ‘ah, vamos alugar uma chácara e vamos fazer um evento só para o motorista’ não tem. Nós não chegamos a esse ponto dessa relação entendeu?”. Compreende que seria benéfico para os motoristas esses eventos, porém, a empresa teria que incentivar.

O participante A difere dos outros participantes ao relatar que não tem uma relação amigável com outros colegas de profissão, devido a competitividade existente nos grupos. Se afastou de grupos de motoristas, “era muito tititi e não gosto disso, de fofoca, [...] eu não tenho paciência para isso. Então, desde antes da pandemia, um pouco antes da pandemia, eu não me relaciono com mais nenhum outro motorista.” Quando participava dos grupos, notava muita

competitividade, “era tipo uma disputa, né? De quem trabalhava mais, de quem fazia mais dinheiro, de quem pegava as melhores corridas.”

A respeito do tema relação com familiares e amigos, quatro participantes (A, C, D e E) relataram experiências semelhantes, a jornada de trabalho não interfere na relação com familiares e amigos devido a flexibilização dos horários. A participante B compreende que a jornada de trabalho interfere na sua relação com familiares e amigos “porque a maioria trabalha e folga sábado e domingo, enquanto esses são os dias que eu mais trabalho”.

Sobre o tema relação com os clientes, os participantes C, D e E relatam que tem boas relações com os clientes. Os participantes D e E compreendem que são as características e habilidades pessoais que possibilitam a boa relação. A participante B e C relatam que não passaram por experiências de assédio durante as viagens; o participante E relata que sofreu assédio. A participante B compreende que a relação depende de cada cliente e que não importa o que o motorista faça, em alguns casos o passageiro sempre irá o avaliar com nota baixa.

O participante A relata que nunca houve brigas ou discussões com passageiros, apenas situações que precisou “tomar as rédeas”, mas foram poucas. Além disso, relata que tem uma técnica para trabalhar que é apenas falar com o passageiro caso fale com ele, não estender a conversa.

A então eu tenho uma técnica né para trabalhar, não fale com o passageiro se ele não falar com você, sabe? e também não estica muito a conversa, sabe? isso aí pode acabar acarretando nota baixa e qualquer tipo de desacerto. [...] Em questão de problemas, nunca tive problemas graves com o passageiro de discussão, de briga, nunca. Já, claro, tive que tomar as rédeas de algumas situações? Já, algumas pouquíssimas, devo contar nos dedos. [...] 99% das minhas corridas foram ok, talvez 1% foi uma coisinha ou outra.

Considera essa técnica importante para não acarretar avaliações baixas ou algum tipo de desacerto com o passageiro. A participante C também relata que fala com o passageiro que falar com ela, “se falam comigo, eu falo de volta, se não falam fico quieta porque, às vezes, o cliente pode achar chata ou não quer falar”

4.5 Categoria: o trabalho nas empresas de aplicativo e as emoções dos trabalhadores

Na categoria o trabalho nas empresas de aplicativo e as emoções dos trabalhadores (Anexo I) surgiram os seguintes temas: emoções desencadeadas; visão do trabalho na empresa de aplicativo; emoções desencadeadas pela comunicação com a empresa. No tema emoções

desencadeadas, quatro das cinco respostas se complementam, o participante A nota ansiedade e estresse devido as longas jornadas de trabalho, a participante B nota estresse e desmotivação, a participante C nota momentos de estresse.

Participante A: eu sou muito ansioso, então chega uma certa, uma certa fadiga, começo a ficar muito ansioso, então tem que parar sabe? sentar, dar uma relaxada, ouvir uma música, sei lá, e depois, por exemplo, eu vou trabalhar hoje 12 horas. Eu trabalho 6 horas paro, dou uma relaxada porque se não fico muito ansioso, isso aí me atrapalha, sabe? que começa a me estressar no trânsito e tal.

Participante B: é desmotivador, tem cliente que não entende que tem lugar que não pode parar; saúde emocional é mais cansaço e estresse mesmo

Participante C: vez ou outra me estresso no trânsito, mas passa, xinga dentro do carro, não arruma briga porque é perigoso.

O participante D relata que não nota emoções que são desencadeadas pelo trabalho de aplicativo porque tem o trabalho de servidor público, porém, se trabalhasse apenas com o aplicativo seria muito desmotivador, estressante e não teria perspectiva de vida.

Ainda bem que não me represento porque se eu me representasse, eu estaria muito desanimado. E o que eu vejo também, pessoas que trabalham apenas com isso, a pessoa pode até não falar, mas é a pessoa não se sente motivada. [...] Esses serviços de aplicativo acaba não tendo isso e acaba para essas pessoas não tem incentivo nenhum, né? Não vê perspectiva de vida.

Não, porque eu não fico muitas horas. Quem fica muitas horas acaba tendo, né? Acho que muito grande [...] ficar sentado ali dirigindo [...] é bem desgastante sim.

O participante E apresentou a única resposta destoante porque compreende que o trabalho de aplicativo gera experiências boas, “nossa eu passei por tantas emoções nesses cinco anos, experiências que você guarda. Eu falo sempre que se um dia eu parar de trabalhar, eu consigo descrever todas as partes boas que eu adquiri como motorista de aplicativo”.

Em relação ao tema visão do trabalho na empresa de aplicativo, os participantes A, C e E possuem uma visão positiva do trabalho e os participantes B e D possuem uma visão negativa. Sobre o tema emoções desencadeadas pela comunicação com a empresa, a participante C não forneceu essa informação ao longo do discurso. As respostas dos participantes A e E se complementam.

O primeiro prefere que não haja comunicação: “serviço nenhum que eu tive eu gostava de me envolver tanto com a parte de funcionários quanto com a parte de patrão, parte de chefe”. O segundo não vê problema com a pouca comunicação com a empresa: “ela não me incomoda também porque eu desenvolvo meu trabalho dentro das normas da empresa e tal, é uma coisa amigável”.

A participante B se sente escravizada pela empresa devido à falta de comunicação e suporte da empresa para com os motoristas, “me sinto escravizada pela empresa, não há suporte nenhum”. O participante D compreende que se trabalhasse apenas com a empresa de aplicativo, a falta de comunicação geraria insatisfação, relata ficar triste por quem trabalha apenas com a empresa. “Para mim, seria insatisfeito se eu trabalhasse só com eles. É então, graças a Deus, eu não trabalho e não dependo deles, mas fico triste por quem trabalhar.”

4.6 Categoria: o trabalho nas empresas de aplicativo e a saúde dos trabalhadores

Na categoria o trabalho nas empresas de aplicativo e a saúde dos trabalhadores (Anexo I) surgiram três temas: desgaste emocional; desgaste físico; horas de lazer. Em relação ao tema desgaste emocional, quatro participantes relataram que não percebem nenhum desgaste emocional devido ao trabalho nas empresas de aplicativo. A participante B foi a única que relatou desgaste emocional: estresse e cansaço, “saúde emocional é mais cansaço e estresse mesmo”. Nenhum participante faz uso controlado de remédios para desgastes físicos ou emocionais, os participantes A e B apenas fazem uso de remédio se sentirem dores na coluna, mas é um uso esporádico.

Sobre o tema desgaste físico os discursos dos cinco participantes se complementam apesar do participante D relatar que não percebe desgaste físico. O participante A relatou que percebe um “bico de papagaio” na coluna ou uma hérnia de disco, relata muitas dores na coluna.

Eu estou desenvolvendo eu acho que um bico de papagaio aqui na minha coluna, justamente por causa da empresa ou uma hérnia de disco também. Eu tenho que ver isso aí, mas por enquanto não fui ver. Tenho sentido muitas dores na coluna. [...] Já teve dias de eu acordar travado, não conseguir levantar da cama. Fiquei acho que três dias deitado sem se levantar.

O participante E também percebe dores na coluna, “dores na lombar” como desgaste físico. “Eu adquiri uma dor na lombar que é do nervo ciático, proveniente de ficar sentado por muito tempo. Então tem que tratar, não adianta”. A participante B relatou que o desgaste físico que percebe é que está acima do peso, “eu estou um pouco acima do peso, um pouco de gordura. Não estou obesa nem nada, mas estou um pouco acima do peso.”

A participante C relatou desgastes físicos (dores na perna e no pé), porém, não acha que é decorrente do trabalho de aplicativo, “é mais uma dor na perna ou pé por ficar muito tempo sentada, mas só sair um pouco do carro, esticar a perna que passa”. O participante D não percebe

desgastes físicos pois tem uma curta jornada de trabalho, porém, compreende que os motoristas com longas jornadas de trabalho apresentam desgastes físicos, “para a pessoa cumprir uma jornada de horário para poder retirar o lucro em cima disso, a pessoa fica muito tempo e acaba tendo esse problema ortopédico”.

5. ANÁLISE

Pode-se analisar as entrevistas de cada participante, a partir de como eles se representam enquanto trabalhadores na empresa de aplicativo, o participante A não soube responder essa pergunta, as respostas das participantes B e C se complementam, a primeira compreende que é “mais um número, mais uma na empresa” e a segunda se vê como uma boa motorista e compreende que a empresa “vê os motoristas apenas como uma fonte de lucro, quanto mais corridas, mais lucro a empresa obtém”. O participante E se vê como um motorista de aplicativo, “eu presto serviço para uma empresa idônea”. Por fim, o participante D é o único que não se representa enquanto trabalhador na empresa de aplicativo.

Na entrevista do participante A nota-se contradições e coerências, apesar de ter consciência sobre a dinâmica do trabalho de plataformas e que a empresa não oferece direitos aos trabalhadores. O participante tem uma visão positiva do trabalho em plataformas, essa visão positiva, provavelmente, está ligada a uma forma mais individualizada de se relacionar com o mundo. Nota-se no relato da relação com os colegas de trabalho ou na questão de ele achar positivo a falta de comunicação com a empresa.

Na entrevista da participante B nota-se mais coerências do que contradições, a participante tem consciência da dinâmica de funcionamento das empresas de aplicativo, compreende que para a empresa é apenas “mais um número”. A participante tem uma visão negativa do trabalho em plataformas, o trabalho é visto como desmotivador. Ao longo do seu discurso nota-se os aspectos da precarização e performance, visto as longas jornadas de trabalho. Apesar disso, a participante compreende que a flexibilidade é um ponto positivo do trabalho.

Na entrevista da participante C nota-se coerências e contradições, interessante notar que a participante iniciou o trabalho tem 11 meses, mas já traz em seu discurso a frustração com a empresa de aplicativo devido ao fato de que o retorno financeiro era menor do que esperava. Nota-se que em alguns momentos há um discurso mais individualizante e em outros momentos mais consciente das dinâmicas de funcionamento da empresa. Como, por exemplo, ao relatar que os desgastes físicos que percebe são dores na perna e no pé, mas não vê como resultado das jornadas de trabalho. Além disso, importante notar que a participante tem uma dupla jornada de trabalho: diarista e motorista de aplicativo. O que sugere o aspecto socioeconômico relacionado ao motivo de escolher trabalhar com a empresa de aplicativo.

Na entrevista com o participante D nota-se coerências e contradições, o participante tem consciência sobre a dinâmica de funcionamento da empresa de aplicativo. É o único que não se representa na condição de motorista de aplicativo, pode-se relacionar isso com o fato de que ele possui emprego como servidor público. O que explica que em vários momentos do discurso, seus relatos são de alguém que analisa as experiências de outras pessoas. Porém, o participante traz bem acentuado em seu discurso a questão do culto à performance e responsabilização dos trabalhadores.

Na entrevista do participante E também nota-se coerências e contradições, o participante tem consciência sobre alguns aspectos da dinâmica de funcionamento da empresa. Importante considerar que ele é o único que se representa enquanto motorista de aplicativo, provavelmente, pode-se relacionar isso com o visão positiva do participante sobre o trabalho. Ao mesmo tempo que vê o trabalho como positivo, o participante gostaria de uma maior socialização com os motoristas, o que sugere um aspecto de solidão e individualização das jornadas de trabalho.

Nota-se ao longo das entrevistas que os discursos dos participantes corroboram com os tópicos desenvolvidos ao longo da fundamentação teórica. Segundo os discursos dos participantes, pode-se notar que são três motivos que os levaram a trabalhar com a empresa de aplicativo: complemento para a renda familiar (C e D); dificuldades para arranjar um emprego na área desejada (B e E); indicação de amigos que trabalham na área (A).

Os dois primeiros motivos são relacionados a questões socioeconômicas e sugere que as pessoas recorrem ao trabalho em empresas de aplicativo por dificuldades socioeconômicas. Nessa perspectiva, se são dificuldades econômicas o fator principal para trabalhar com a empresa de aplicativo, pode ser que não tenha sido uma escolha trabalhar para uma plataforma, mas sim, a única opção restante. Além disso, se cerca de 4 milhões de trabalhadores tem como principal fonte de renda os serviços prestados para plataformas digitais (APPS COMO UBER..., 2019), provavelmente, a grande maioria está nessas condições porque era a única opção possível para sobreviver no mundo capitalista.

O participante E traz um aspecto importante que é a relação entre faixa etária e mercado de trabalho: “chega numa certa idade, você passa a ser obsoleto para o mercado de trabalho”. Ou seja, além do fator socioeconômico, existe o fator etário, trabalhar para a empresa de aplicativo era a única opção. Além disso, o participante E conta com uma aposentadoria (um salário-mínimo), é possível levantar um questionamento, nas condições atuais do país: quem

sobrevive com um salário-mínimo? Se pessoas com aposentadoria, se veem obrigadas a buscar uma outra fonte de renda, isto significa que o estado neoliberal produz desigualdade.

Harvey (2007) traz um ponto importante de se relacionar com esse discurso, o sucesso do neoliberalismo encontra-se no fato de que as classes altas reconquistaram o poder – se é que deixaram de ter – e que as classes baixas foram levadas a se responsabilizar pela desigualdade social e o fracasso econômico. Segundo o autor, a justificativa era que, “se as condições se deterioravam entre as classes mais baixas, isso ocorreria porque elas falhavam, normalmente por razões pessoais e culturais, em incrementar o seu próprio capital humano” (HARVEY, 2007, p. 17).

Nessa perspectiva, se é a dificuldade socioeconômica a responsável por levar os indivíduos a se sujeitarem a trabalhos precarizados, significa dizer que os indivíduos são responsabilizados pela desigualdade social e o fracasso econômico, como foi exposto por Harvey (2007). Ou seja, o neoliberalismo instaura a lógica colonial e seus riscos para toda a humanidade, “captura, predação, ocupação e exploração tornou-se a forma administrativa das sociedades, atravessadas pelas exigências objetivas e subjetivas da reprodução econômica da etapa neoliberal” (ALMEIDA, 2021, p. 8).

O relato da participante C sugere uma frustração com o trabalho na plataforma, o que a motivou para trabalhar na empresa era um complemento de renda, portanto, havia a expectativa de que o retorno financeiro fosse maior. Porém, ao longo dos meses, o que ocorreu foi o contrário, em alguns momentos ela realiza o pagamento das parcelas do carro com o dinheiro de outros trabalhos e, não, das corridas como era esperado.

Podemos relacionar a fala da participante C com a fala do participante D, ao relatar uma experiência durante as corridas. Em duas semanas, o saldo das corridas foi de R\$ 1.500,00, porém, foi um dinheiro ilusório, pois, em seguida houve várias manutenções para realizar no carro. “Então você fala ‘pô cadê o dinheiro que entrou?’ Não entrou. [...] se eu dependesse desse dinheiro para pagar um aluguel, fazer compras, alguma coisa eu não teria ou, então, eu teria que rodar mais para conseguir fazer”. De acordo com o participante, foi um dinheiro ilusório.

Isso sugere que os muitos motoristas são manipulados com os slogans das empresas, mas encontram uma outra dinâmica no cotidiano do trabalho. Tornam-se parceiros das empresas com o objetivo de uma melhor qualidade de vida ou um maior retorno financeiro, mas encontram a precarização do trabalho. Como Filgueiras e Antunes (2020) expressam o slogan

de ampla flexibilidade, na verdade, é uma fachada, pois, o que predomina é a ampla instabilidade, vulnerabilidade, uma jornada de trabalho maior e cansativa para garantir o mínimo de sobrevivência e manutenção dos instrumentos necessários para realizar as atividades para a empresa.

Ao identificar e analisar os sentimentos e emoções gerados pelo trabalho de plataformas digitais, encontra-se: estresse, ansiedade, desmotivação, falta de perspectiva. Os participantes A, B, C e D notam emoções que são desencadeadas pela jornada de trabalho. O participante A relata ansiedade e estresse, B nota estresse e desmotivação, C nota momentos de estresse e D não nota emoções desencadeadas pelo trabalho de aplicativo porque tem o trabalho de servidor público, porém, se trabalhasse apenas com o aplicativo seria desmotivador, estressante e não teria perspectiva de vida.

É interessante notar que ao falarem sobre desgaste emocional, apenas a participante B relata que percebe um desgaste emocional devido ao trabalho para a empresa de aplicativo que é o estresse e o cansaço. Mesmo ao notar as emoções geradas – no caso do participante D que podem vir a ser - geradas pela jornada de trabalho, a maioria dos participantes não se conscientizam que essas emoções sugerem um desgaste emocional. Isso sugere uma desvinculação do trabalho com a subjetividade, as emoções não são vinculadas às jornadas de trabalho e aos aspectos sociais, políticos e econômicos.

Segundo Basolli e Benelli (2019) e Neves et. al. (2021), na sociedade contemporânea, o ser humano não é visto enquanto uma pessoa inteira, como um sujeito e, sim, como um mero objeto que pode ser fragmentado ou dividido em inúmeras partes. Os aspectos sociais, políticos, históricos, relacionais e subjetivos que atravessam cada partícula do sujeito são desconsiderados, as peças fundamentais que compõem a existência humana são excluídas da cena porque o único ponto que importa para o neoliberalismo é a lógica do mercado (BASOLLI; BENELLI, 2019). Nessa perspectiva, nota-se nas falas dos participantes, o controle sobre os corpos e o processo de design psicológico (biopoder): o neoliberalismo instaura um novo conjunto de sentidos e significados sobre os indivíduos e sobre o mundo (SANTANA, 2020).

Um outro ponto a se considerar é o processo de precarização do trabalho e essa desvinculação do trabalho com a subjetividade. Nota-se a presença do necropoder na sociedade através do discurso dos participantes. Segundo Mbembe (2018b), no neoliberalismo ocorre a fusão entre capitalismo e animismo, seres humanos são transformados em dados numéricos e códigos. Nessa perspectiva, os sujeitos não têm importância para o capital, não é possível

delimitar o que separa o ser vivo do capital (FRANCO, 2021). Ou seja, como esperar que os sujeitos se conscientizem de suas emoções e do seu desgaste físico, se ele é colocado na mesma posição de um cadáver? De um dado numérico? Cadáveres e dados numéricos não são atrelados à subjetividade, às emoções.

Além disso, esse discurso sugere que os participantes veem a saúde mental como ausência de transtornos ou entendem que saúde mental e desgaste emocional estão atrelados a sua ida em especialistas. De acordo com Almeida Filho, Coelho e Peres (1999, p. 123), “a saúde mental significa um socius saudável”. Isso significa que não é possível falar de saúde mental sem considerar aspectos sociais, políticos, históricos e relacionais. Se uma pessoa tem um trabalho que produz desgastes físicos e emoções como estresse, ansiedade e desmotivação, não é possível falar que há uma saúde mental porque como os autores colocam a saúde mental “implica satisfação no trabalho, vida cotidiana significativa” (p. 123). Os participantes relatam experiências de mal-estar, mas não se conscientizam que estão relacionadas ao desgaste emocional.

O participante E apresentou a única resposta destoante porque compreende que o trabalho de aplicativo gera experiências boas. A fundamentação não traz dados para conceituar essa resposta, mas nota-se que o participante possui uma visão positiva do trabalho de aplicativo apesar de enfrentar dificuldades, isso sugere que o participante possui uma visão mais individualiza do trabalho.

Nenhum participante faz uso controlado de remédios para desgastes físicos ou emocionais, os participantes A e B apenas fazem uso de remédio quando sentem dores na coluna, mas é um uso esporádico. Nessa perspectiva, nesse discurso dos participantes, não aparece a questão da medicalização da vida trazido por Basolli e Benelli (2019) e Neves et. al (2021).

Ao interpretar as possíveis relações entre o discurso neoliberal e a saúde do trabalhador, identifica-se que todos os participantes percebem desgastes físicos em decorrência da jornada de trabalho. O participante A percebe um “bico de papagaio” na coluna ou hérnia de disco; B relata estar acima do peso; C relata dores na perna e no pé devido ao tempo que fica sentada apesar de achar que isso não tem relação com o trabalho para a empresa de aplicativo; D não percebe desgastes físicos pois tem uma curta jornada de trabalho, porém, compreende que os motoristas com longas jornadas de trabalho apresentam desgastes físicos e; E percebe “dores na lombar”. Pode-se adicionar o discurso da participante B sobre sua jornada de trabalho, ao

falar que na sexta, sábado e domingo são mais de 12 horas de trabalho e dorme cerca de três horas, “é só o tempo para descansar”.

Esses desgastes físicos são responsabilidade do trabalhador, as empresas não garantem direitos aos trabalhadores (FRANCO, 2021). Apesar dos desgastes os participantes continuam a exercer as jornadas de trabalho, pois, é a opção para sobreviver. Ou seja, o neoliberalismo opera na precarização do corpo do trabalhador, lembrando-o de sua obsolescência e de sua constante luta por sobrevivência no sistema capitalista (FRANCO, 2021). É possível descansar com apenas três horas de sono? Como é o estado mental e físico de alguém que trabalha cerca de 8 horas com dores na coluna, dores na perna? Como manter hábitos saudáveis, se a sua jornada de trabalho passa das 12 horas?

O participante A traz um aspecto sobre a culpabilização do motorista pelos desconfortos físicos, pois a empresa não oferece benefícios ou auxílios, “a empresa é aquilo mesmo, fica online quem quer, trabalha quem quer e se você ficar doente, se você ficar com a coluna ruim, se você ficar com problema no joelho o problema é seu”. Se é responsabilidade do trabalhador, significa dizer que a empresa não se importa com a saúde do trabalhador. Retomando o conceito de necropolítica e a universalização do devir negro (MBEMBE, 2018a), na colonização o colonizado ocupava o lugar entre sujeito e objeto, ou seja, o colonizado era descartável, aquele que não importa. Nessa perspectiva, o sujeito só é útil quando oferece sua vida em todos os aspectos como uma moeda de troca para o capital (MBEMBE, 2018b). Por isso Franco (2021), expõe que não é possível delimitar o que separa o ser vivo do cadáver.

Em relação à influência que o discurso neoliberal possui nas relações interpessoais e intersubjetivas dos trabalhadores, o discurso dos participantes corrobora, em sua maioria, com a fundamentação teórica dessa pesquisa. Ao falar sobre a relação com os familiares e amigos, quatro participantes (A, C, D e E) relataram que a jornada de trabalho não interfere na relação porque há a flexibilização dos horários. A participante B compreende que a jornada de trabalho interfere na sua relação com familiares e amigos “porque a maioria trabalha e folga sábado e domingo, enquanto esses são os dias que eu mais trabalho”. Os participantes enxergam a flexibilidade como um ponto positivo da plataformização do trabalho, fazer o próprio horário, trabalhar quando há necessidade, quando há disposição, são vistos como características positivas do trabalho em plataformas.

Isso sugere o sucesso do slogan da ampla flexibilidade, os trabalhadores não se conscientizam das consequências de trabalhar quando há necessidade ou fazer o próprio

horário. Ao tomar como exemplo o discurso da participante B que em finais de semana trabalha mais de 12 horas por dia, essa jornada interfere na sua relação com os familiares. Nessa perspectiva, por que a flexibilidade é um ponto positivo? O discurso da participante mostra a predominância do trabalho precarizado sugerido por Filgueiras e Antunes (2020), o que predomina na ampla flexibilidade é instabilidade, vulnerabilidade, jornadas de trabalho maiores e cansativas para garantir sobrevivência.

O participante A relata que seu afastamento de outras colegas de profissão ocorreu devido a competitividade e disputa existentes nos grupos que eram formados. Segundo Franco et. al (2021) destacam que a lógica do mercado constitui um palco de realização onde ele deve seguir o padrão de competitividade e otimizar suas capacidades. Secco e Kovaleski (2021) apontam que a sociedade contemporânea se baseia em uma ideia de performance visível. Os indivíduos competem entre si para se sobressair nesse mundo de aparências.

Além disso, nota-se o aspecto do biopoder porque na análise foucaultiana o neoliberalismo traz uma nova racionalidade, há um processo de design psicológico que molda corpos, afetos, vínculos e os sujeitos. Um verdadeiro controle de corpos dos motoristas é feito para que qualquer sucesso em viagens, qualquer retorno financeiro obtido ou até mesmo a jornada de trabalho exaustiva é representado como uma conquista, um motivo para competir com seus companheiros de profissão (FOUCAULT, 2010; FURTADO; CAMILO, 2016; SAFATLE, 2021).

Os participantes B, D e E relatam que tem uma boa relação com os colegas de profissão, pois, formam grupos para compartilhar os desafios enfrentados na jornada de trabalho. São grupos com o intuito de auxiliar os motoristas com dificuldades encontradas durante a jornada de trabalho, por exemplo, problemas com o carro, problemas com o passageiro, questões de segurança. Nota-se um vínculo entre os motoristas.

Esse vínculo não condiz com o que foi pesquisado na fundamentação teórica, porém, o fato de que os trabalhadores mobilizam entre si para auxiliar uns aos outros nas dificuldades encontradas na jornada de trabalho sugere que a responsabilização é única e exclusiva do “parceiro” da empresa de aplicativo. Como Franco (2021) mostra as empresas jogam nos motoristas a responsabilidade por qualquer problema ou desafio enfrentados durante as jornadas de trabalho, como assaltados, acidentes, doenças, mal estar, problemas com o aparelho celular etc.

O participante E relata que seria benéfico que os motoristas se reunissem em uma chácara, realizassem um evento de confraternização, mas a empresa não incentiva esses eventos. De certa forma, seria utópico a empresa incentivar essa integração porque organização coletiva seria a última coisa incentivada por uma empresa que não fornece direitos ou auxílios para os motoristas, uma empresa neoliberal. A plataformização do trabalho e a precarização do trabalho são fundamentais no sistema neoliberal, as empresas de aplicativo surgem pela racionalidade liberal (FRANCO, 2021).

Cabe lembrar que, segundo Harvey (2005) um dos objetivos do governo de Margaret Thatcher, na Grã Bretanha entre 1979 e 1990, era o fim do Estado socialdemocrata. Nessa perspectiva era necessário “enfrentar o poder sindical, atacar todas as formas de solidariedade social que prejudicassem a flexibilidade competitiva” (HARVEY, 2005, p. 32). O governo de Thatcher consolidou o neoliberalismo a nível mundial, o objetivo principal desse governo era a transformação do espírito. Retomando Dardot e Laval (2016), o neoliberalismo é uma racionalidade. Nessa perspectiva, a empresa de aplicativo pautada na racionalidade liberal não irá incentivar confraternização ou a socialização entre motoristas porque iria contra o fundamento de sua existência: a competitividade.

Além disso, essa fala do participante E também sugere uma certa solidão dos motoristas de aplicativo. Pode-se adicionar a essa análise, a fala da participante C que não tem tanta relação com os companheiros de profissão, o contato é algo mais esporádico com o intuito de passar alguma corrida ou cumprimentar vez ou outra. Para Filgueiras e Antunes (2020), a “uberização do trabalho” pode ser entendida como uma expressão de modos de ser do trabalho, as relações de trabalho são individualizadas e inviabilizadas ao extremo. Se os trabalhadores enfrentam a solidão durante as jornadas de trabalho e a fundamentação teórica mostra que as relações de trabalho são individualizadas isso sugere que a plataformização do trabalho enfraquece os vínculos do sujeito com o mundo.

De acordo com Franco (2021), a precarização do trabalho com o tempo resulta na destruição da existência dos trabalhadores e tem como consequência a angústia. Segundo o autor, ao analisar as plataformas digitais e a jornada de trabalho dos indivíduos é possível notar quatro elementos que tornam possível a emergência da angústia:

1. Combater e desestabilizar a capacidade de organização coletiva dos trabalhadores, o que acarreta a individualização do sofrimento e culpabilização do trabalhador;

2. Fortalecimento da sensação de fracasso e descartabilidade;
3. Impossibilidade de significar as jornadas de trabalho, as regras e o fluxo de demandas;
4. Lidar com a ausência de um gerente/chefe para comunicar dúvidas, reclamações e solicitações, tudo é substituído por algoritmos.

Nessa perspectiva, as exaustivas jornadas de trabalho, a destruição da espontaneidade e subjetividade pelos ideais empresariais, a falta de direito trabalhistas, a relação inexistente com a empresa de aplicativo leva ao sentimento, segundo Franco (p. 9), “de ‘estar batendo a cabeça’ sozinho”. Isso assegura ao capital o controle dos corpos, a “docilidade e disponibilidade para formas de sujeição ao capital desprovida de direitos” (FONTES, 2021, p. 64).

Ao investigar como o discurso neoliberal opera na construção da subjetividade e quais são suas influências no culto a performance sob a ótica de trabalhadores de plataformas digitais, nota-se que os relatos corroboram com a fundamentação teórica. Como exposto no Capítulo 2, o neoliberalismo é um sistema e uma racionalidade que produz relações sociais, práticas, pensamentos, escolhas, subjetividades, ou seja, constrói e produz normas de vida (DARDOT; LAVAL, 2016). Além disso, suas principais características são: iniciativa privada, concorrência e competitividade (LEMOS, 2020). A privatização, desregulamentação e produtividade juntas são responsáveis pelo aumento da eficiência, produtividade, qualidade de vida e possibilita a redução de custos do consumidor e do trabalhador (HARVEY, 2005).

Pode-se notar a presença dessa norma neoliberal nos discursos dos participantes, a participante C e o participante E que tem duplas jornadas de trabalho para complementar a renda, no discurso do participante E, quando a idade torna-se um problema para arranjar um emprego ou continuar em uma profissão. Além disso, ao relatarem suas jornadas de trabalho, quatro participantes relataram de 8 a 12 horas de jornadas de trabalho.

As jornadas de trabalho exaustivas mostram como o necropoder faz-se presente no neoliberalismo; a utilidade, o valor, a venda da própria mão de obra só valem enquanto o sujeito oferece a sua vida - em todos os aspectos, sociais, econômicos, subjetivos - ao capital e torna-se um número, um dado, um motorista dentre tantos outros. Condenado a ser um de tantos outros “parceiros” ou “colaboradores” da empresa, o sujeito tem sua vida capturada, ocupada e explorada pelo neoliberalismo e pela empresa de aplicativo (MBEMBE, 2018b).

Além disso, todos os participantes compreendem que a empresa de aplicativo não oferece nenhum tipo de suporte aos motoristas. Esse é o discurso das plataformas digitais e do trabalho precarizado, os trabalhadores comprados pelo slogan da flexibilidade, da “parceria” com a empresa são separados de seus direitos trabalhistas e sociais (FRANCO, 2021). Por meio, de contratos temporários, salários não garantidos, pouca regulamentação e responsabilização de seus gastos, as plataformas digitais produzem um novo tipo de proletariado (ANTUNES, 2018; FILGUEIRAS; ANTUNES, 2020).

O participante D ao falar que o motorista de aplicativo não se sente motivado a voltar para o mercado de trabalho. A fala “ela não quer voltar a isso porque vai ficar presa e, ao mesmo tempo, ela se vê escrava de uma empresa”, revela uma consciência de uma contradição importante do sistema: a oferta da liberdade, mas ao indivíduo é entregue a escravidão. O neoliberalismo opera na precarização do corpo do trabalhador, lembrando-o de sua obsolescência e de sua constante luta por sobrevivência no sistema capitalista, valendo-se do poder do Estado neoliberal (ameaça e violência) para manter o trabalhador amedrontado (FRANCO, 2021). Segundo Fontes (2017), atualmente está escancarado como o modo de funcionamento da sociedade capitalista transforma a maioria da população em uma massa trabalhadora excluída de direitos e defesas e com extensas jornadas de trabalho.

O discurso do participante A sugere uma conformidade com o funcionamento das plataformas de aplicativo. Isso fica evidente na fala “ela não estava mandando você ficar online, falando que você tem que fazer corridas, ela está ali. Trabalha quem quer, se você está sentindo dor [...]”. Essa fala se relaciona com uma outra fala do participante que relata que não é necessário melhorias nas condições de trabalho porque “não tem o que mudar, é você entrar no carro, abrir o aplicativo e trabalhar; a empresa não vai ficar dando mais que isso, não adianta você querer brigar”.

Ao falarem sobre a culpabilização e responsabilização, os relatos dos participantes se complementam. Isso sugere que todos tem alguma consciência a respeito do aspecto de responsabilização dos motoristas pela empresa de aplicativo. Fica explícito nas falas, “tudo fica na conta do motorista”, “o prejuízo é meu” ou “eu não preciso cumprir, só que quem vai sofrer as consequências posteriores sou eu mesmo, né?” Para Filgueiras e Antunes (2020), a “uberização do trabalho” pode ser entendida como uma expressão de modos de ser do trabalho, as relações de trabalho são individualizadas e inviabilizadas ao extremo.

Sob o lema neoliberal da performance e concorrência, as empresas de aplicativo jogam no “parceiro” toda a responsabilidade pelos problemas e desafios que enfrentam no cotidiano do trabalho. Isso sugere que por meio de técnicas, normas e cláusulas judiciais, os trabalhadores “parceiros” das empresas, são, na verdade “escravos”, não existe a possibilidade de questionar as decisões da empresa, são coagidos a aceitar a dinâmica de funcionamento e são penalizados pelos sofrimentos, desafios do cotidiano do trabalho e falta de instrumentos, ou seja, os “parceiros” não são concebidos como seres humanos e, sim, como máquinas de performance e concorrência.

Os participantes A, D e E trazem um aspecto importante em relação ao tema performance, superar obstáculos e desafios, sobre a gestão dos conflitos interpessoais e a gestão de si em relação aos outros. Os três compreendem que são as habilidades pessoais que permitem lidar com as possíveis intercorrências de trabalho. O primeiro relata que um desafio enfrentado é se esquivar de forma educada de passageiros que acham “que somos motoristas particulares contratados por eles”. O segundo relata que cada pessoa é responsável pela própria motivação e determinação, “se a gente deixar o nosso externo mudar a gente, a gente acaba não tendo coragem nem motivação para nada, então eu sempre procurei me controlar.” O terceiro compreende que é necessário o motorista ter “jogo de cintura” para lidar com passageiros que são agressivos e assediadores porque, caso contrário, o prejudicado é o próprio motorista.

Os relatos dos participantes D e E se relacionam com o que eles relatam sobre a relação com os passageiros, pois, eles compreendem que são as características e habilidades pessoais que possibilitam uma boa relação. Um ponto interessante que surge no tema relação com os clientes é que as duas participantes mulheres relataram que não foram vítimas de assédio, mas o participante E relata que foi vítima de assédio durante as viagens. Retomando o que o participante fala sobre “jogo de cintura” para não acarretar nota baixa no aplicativo, esse discurso sugere que mesmo em situações em que a integridade física e emocional do “parceiro” é colocada em risco, a empresa não intervém e ao motorista cabe apenas responsabilizar a si mesmo e gerir a si mesmo (sua empresa) da melhor forma possível.

Para Safatle (2021), essa intervenção baseia-se na internalização dos ideais empresariais de performance, investimento, rentabilidade e posicionamento, ou seja, o indivíduo enxergar-se como “empresa de si mesmo”. Tal intervenção “permitiu [...] a internalização de um trabalho de vigilância e controle baseado na autoavaliação de si a partir de critérios do mundo da administração de empresas” (SAFATLE, 2021, p. 31).

Espera-se que uma empresa tenha uma boa gestão dos conflitos interpessoais, nessa perspectiva, espera-se que o “parceiro” da empresa saiba gerir seus próprios conflitos em relação ao outro. Filgueiras e Antunes (2020) compreendem que a empresa coage os trabalhadores a não dispensarem demanda, ameaçam os trabalhadores com a possibilidade de bloqueio e com a dispensa a qualquer momento. Assim, o motorista está sempre em um processo de vigilância de si mesmo no cotidiano do trabalho, a espontaneidade é destruída porque tudo gira em torno de como será avaliado pelo consumidor e pela empresa.

Como Franco et. al (2021) expõem o indivíduo gerente de si mesmo nada mais é do que a lógica do capital humano, ou seja, o individualismo em seu pleno funcionamento, o indivíduo opera tal qual uma empresa; a lógica empresarial norteia todas as esferas da vida. Quando há a internalização dos ideais empresariais, o sujeito passa a exigir de si mesmo o alcance de metas e o sucesso, ele busca a todo momento o aprimoramento de suas competências (FRANCO et. al, 2021). Controle, motivação e vigilância: ao motorista não é permitido reagir as violências e abusos do cotidiano do trabalho e, muito menos, expressar sua subjetividade.

6. CONCLUSÃO

Ao longo da fundamentação teórica, pode-se compreender que o neoliberalismo é um sistema que promoveu mudanças a níveis econômicos, sociais e políticos (DARDOT; LAVAL, 2016). Sua ascensão ocorreu por volta de 1970, desencadeada pela crise do liberalismo clássico entre 1880 e 1930, o pós Segunda Guerra Mundial e o liberalismo embutido (HARVEY, 2005; DARDOT; LAVAL, 2016). O neoliberalismo é uma racionalidade e que produz relações sociais, práticas, pensamentos, escolhas e subjetividades sob a lógica do mercado, o sujeito passa a ser “empresa de si mesmo” (DARDOT; LAVAL, 2016).

Por meio do biopoder e necropoder, do controle e gestão da vida e da morte, o neoliberalismo controla corpos e subjetividades, ao capturar e explorar o sujeito, o capital o torna um fantoche, o ser humano só é útil quando oferece corpo e alma para o mercado (MBEMBE, 2018; MBEMBE, 2018; ALMEIDA, 2021). Nessa perspectiva, o processo de precarização do trabalho é fundamental para o sistema neoliberal, pois, são um extensão do neoliberalismo já que excluem os trabalhadores do acesso a direitos e defesas sob o slogan da parceria e ampla flexibilidade (FRANCO, 2021; ANTUNES, 2021).

O neoliberalismo instaura o culto a performance o padrão de competitividade é intensificado e cabe ao indivíduo buscar os meios necessários para atingir o padrão de sucesso (SECCO; KOVALESKI, 2021; FRANCO, 2021). Esse discurso exclui a totalidade do ser humano, quando o sujeito adocece ou quando surge o mal estar, o sintoma é visto como um desvio da norma (BASOLLI; BENELLI, 2019). Sofrimento e mal estar tornam-se intoleráveis e devem ser resolvidos imediatamente, pois, são sinônimos de fracasso. A saúde mental torna-se um objeto de consumo (FURTADO; SZAPIRO, 2015),

Porém é um objeto de consumo impossível já que o Estado neoliberal assume uma posição de trabalho a serviço das empresas, enquanto negligencia e, até mesmo, impossibilita o acesso aos direitos humanos básicos, o neoliberalismo transfere a responsabilidade pelas violências sociais do Estado para os próprios indivíduos (SECCO; KOVALESKI, 2021). Ao indivíduo cabe apenas sofrer, mas sem a possibilidade de elaborar o sofrimento, ou seja, sem a possibilidade de se conscientizar sobre a violência social (FRANCO, 2021; SAFATLE, 2021).

Nessa perspectiva, retomando o problema de pesquisa, como o discurso neoliberal se relaciona com o atual culto à performance do indivíduo e como eles operam na construção da subjetividade? Quais são as percepções de trabalhadores e trabalhadoras de plataformas digitais

sobre os sentimentos atribuídos ao trabalho precarizado, com pouca ou nenhuma garantia de direitos?

Ao longo da análise e dos discursos dos participantes, nota-se que o discurso neoliberal está entrelaçado com o culto à performance do indivíduo. Não tem como falar da racionalidade neoliberal, sem falar sobre o culto a performance. Seguindo essa linha de pensamento, não é possível falar sobre neoliberalismo e performance, sem falar sobre a plataformização do trabalho. No sistema capitalista, esses conceitos estão relacionados e aparecem juntos na prática. É possível notar esse aspecto no discurso dos participantes, os conceitos estão emaranhados, ao falar sobre a jornada de trabalho, logo surge o aspecto da plataformização do trabalho e da performance. Nessa perspectiva, corroborando com a fundamentação teórica, a lógica empresarial está presente em todos os aspectos da vida.

Ao longo dessa análise, nota-se que o sujeito nasce no discurso neoliberal, a corrida por sobrevivência no mundo capitalista, é uma corrida de performance, isso garante concorrência, competitividade e lucro. O capital utiliza do biopoder e necropoder para que o sujeito não tenha outro caminho a não ser entregar seu corpo para a máquina de destruição de subjetividade e espontaneidade que é o capital. É nesse ponto que entra a plataformização do trabalho, se o neoliberalismo significa que poucos, a classe rica, são merecedores de viver (biopoder), a classe pobre merece enfrentar condições precarizadas de trabalho. Como no sistema capitalista, trabalho e sobrevivência andam juntos, significa dizer que a classe pobre merece “morrer” para sobreviver (necropoder). Nessa perspectiva, através de técnicas, legislações, lógica do mercado, regras e normas, a racionalidade neoliberal constrói um único caminho para a subjetividade do trabalhador: a precarização, a desmotivação, o estresse, a falta de perspectiva de vida.

Essa pesquisa é fundamental para a área da psicologia, pois, há a necessidade de se discutir saúde mental sob um prisma transdisciplinar. Enxergar a saúde mental enquanto um aspecto único e exclusivamente individual, apenas contribui para um sistema de opressões e violências que os seres humanos enfrentam todos os dias, especialmente quando o olhar recai para minorias sociais. Se vivemos em uma sociedade em que sofrimento e mal-estar são intoleráveis, como esperar que a discussão sobre saúde mental leve em algum lugar?

Se o indivíduo é responsabilizado pelas violências sociais e pela negligência do Estado, como esperar que ele fale de saúde mental? A discussão sobre saúde mental deve necessariamente permear aspectos políticos, sociais, culturais, econômicos e subjetivos, pois, promove conscientização. Com a conscientização, o caminho para a libertação de um sistema

que produz sofrimento torna-se mais viável. O sofrimento de alguém que não tem acesso a direitos como casa, moradia, alimentação, saúde, emprego só pode ser tratado com políticas públicas. A ansiedade gerada pela precarização da vida, só é resolvida quando abarcamos o ser humano em sua totalidade.

A psicologia enquanto corroborar com a lógica do mercado de competitividade e individualização, só intensificará o sofrimento do indivíduo, ao invés de auxiliar. Como elaborar o sofrimento e o mal estar se a sociedade contemporânea rechaça qualquer expressão da subjetividade que não se relaciona com o culto a performance? E se os próprios profissionais da saúde, não possibilitam um espaço de escuta, compreensão e conscientização dessas violências sociais, ao indivíduo só resta a angústia de um sofrimento não elaborado.

Portanto, a hipótese adotada é confirmada. O neoliberalismo tem afinidades com o culto à performance do indivíduo, pois tende a individualizar as responsabilidades sobre as condições de vida do sujeito contemporâneo, incentivando-o a se dedicar ao extremo nas atividades laborais segundo o lema “produtividade ao máximo”, produzindo esgotamento físico e mental e, portanto, sujeitos extremamente fragilizados e esgotados emocionalmente. É importante que novas pesquisas sejam feitas para investigar o processo de medicalização da vida dos trabalhadores e trabalhadoras de aplicativo, pois, esse conceito da fundamentação teórica não foi encontrado no discurso dos participantes. Além de novas pesquisas com um maior número de participantes e que inclua o discurso dos entregadores de aplicativo. Passo fundamental para evidenciar as mazelas do trabalho contemporâneo e para colaborar com a formulação de políticas públicas e legislações que promovam melhores condições de trabalho e saúde para as pessoas.

REFERÊNCIAS

- ABEL, H. As revoluções burguesas e o Estado Liberal. In: GRIVOT, D. C. H.; ABEL, H.; ARAUJO, M. de A. **História do Direito**. Porto Alegre: Grupo A, 2017a. p. 127-137. E-book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595021716/>. Acesso em: 15 jul. 2022.
- ABEL, H. As evoluções do Estado Liberal: Estado Democrático de Direito. In: GRIVOT, D. C. H.; ABEL, H.; ARAUJO, M. de A. **História do Direito**. Porto Alegre: Grupo A, 2017b. p. 139-149. E-book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788595021716/>. Acesso em: 15 jul. 2022.
- ALMEIDA FILHO, N.; COELHO, M.T.A.; PERES, M.F.T. O conceito de saúde mental. **Revista USP**, n. 43, p. 100-125, 1999. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28481>. Acesso em 15 jul. 2022.
- ALMEIDA, S. L. Necropolítica e Neoliberalismo. Caderno CNH, v. 34, p. 1-10, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/45397> Acesso em 15 jul. 2022.
- ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BASOLLI, L. P.; BENELLI, S. J. Medicalização como Sintoma Social Dominante: estratégias a partir do Paradigma Psicossocial. **Revista de Psicologia da UNESP**, n. 18, p. 217-242, 2019. Disponível em: <https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/1550>. Acesso em: 15 jul. 2022.
- BAUER, C. S. John Locke e o pensamento político moderno. In: BAUER, Caroline S.; PINNOW, Rodrigo V. **História Moderna**. Porto Alegre: Grupo A, 2020. p. 195-204. E-book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786581492762/>. Acesso em: 15 jul. 2022.
- BENJAMIN, A. **A entrevista de ajuda**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BLEGER, J. **A entrevista Psicológica: Seu emprego no diagnóstico e na investigação**. Temas de Psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DE OLIVEIRA, R.; SAMPAIO, S. S. Neoliberalismo e Biopoder: o indivíduo como empresa de si mesmo. **Textos & Contextos**, v. 17, n. 1, p. 167-177, 2018. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/23483> Acesso em 01 nov. 2021.
- APPS COMO UBER E IFOOD SE TORNAM ‘MAIOR EMPREGADOR’ DO BRASIL. Economia. Estadão Conteúdo. **Exame**, 28 de abril de 2019. Disponível em: <https://exame.com/economia/apps-como-uber-e-ifood-sao-fonte-de-renda-de-quase-4-milhoes-de-pessoas/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

- FILGUEIRAS, V.; ANTUNES, R. Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo. **Contracampo**, v. 39, n.1, p.27-43, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38901>. Acesso em: 15 de jul. 2022.
- FONTES, V. Capitalismo em tempos de uberização: do emprego ao trabalho. **Marx e o Marxismo**, v. 5, n.8, p. 45-67, 2017. Disponível em <https://www.niepmarx.blog.br/revistadoniep/index.php/MM/article/view/220>. Acesso em 15 jul. 2022.
- FRANCO, F.; et.al. O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo. In: SAFATLE, V.; SILVA JÚNIOR, N.; DUNKER, C. **O neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 47-75.
- FRANCO, F. L. Fazer precarizar: neoliberalismo autoritário e negrogovernamentalidade. **Caderno CRH**, 34, e021024, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/ccrh.v34i0.44503>. Acesso em: 01 fev. 2022.
- FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 139-152, 2004. Disponível em: <https://doi.org/btd4c6> . Acesso em: 19 mar. 2022.
- FURTADO, R. N.; CAMILO, J. A. O. O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault. **Revista Subjetividades**, v. 16, n. 3, p. 34-44, 2016.
- FURTADO, M. A.; SZAPIRO, A. M. Novos dispositivos de subjetivação: o mal-estar na cultura. **Revista Polis e Psique**, v. 6, n. 2, p. 166-185, ago. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/55222> Acesso em: 01 nov. 2021.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica: Curso dado no College de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GASPAR, R. C. A trajetória da economia mundial: da recuperação do pós-guerra aos desafios contemporâneos. **Cadernos Metrópole**, v. 17, n. 33, p. 265-296, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cm/a/rbnKdf7jR6gT3mLbcQmNgKG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2022.
- GIL, A. C.; et al. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.
- HARVEY, D. **Condição pós moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 17 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.
- HARVEY, D. Neoliberalismo como destruição criativa. **InterfacEHS**, v. 2, n. 4, p. 2007. Disponível em: <http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/InterfacEHS/wp-content/uploads/2013/07/trad-2007.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.
- HARVEY, D. **O neoliberalismo história e implicações**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- HOBSBAWM, E. **Era dos extremos: o breve século XX 1914 – 1991**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HORTA, J. L. B. Uma breve introdução à filosofia do estado de John Locke. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, v. 90, p. 239-260, 2004. Disponível em: <https://pos.direito.ufmg.br/rbep/index.php/rbep/article/view/8>. Acesso em: 15 jul. 2022.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Mercado de Trabalho: conjuntura e análise. Brasília: Ipea: Ministério do Trabalho, 2021.

LEMOS, A. G. S. Do liberalismo ao neoliberalismo: liberdade, indivíduo e igualdade. **Revista Interação**, v. 45, n. 1, p. 108-122, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/61148>. Acesso em: 15 jul. 2022.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte. São Paulo: N-1 edições, 2018a.

MBEMBE, A. **Crítica à razão negra**. São Paulo: N-1 edições, 2018b.

MUNIZ, H. P.; TEIXEIRA, E. M.; SILVA, C. O. Desafios colocados pelas estratégias neoliberais de precarização do trabalho para a pesquisa-intervenção voltada para a transformação das situações de trabalho. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 23, n. 1, p. 13-27, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cpst/article/view/163539>. Acesso em: 15 jul. 2022.

NEVES, A.; et. al. A psiquiatria sob o neoliberalismo: da clínica dos transtornos ao aprimoramento de si. In: SAFATLE, V.; SILVA JÚNIOR, N.; DUNKER, C. **O neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 125-175.

SAFATLE, V. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo. In: SAFATLE, V.; SILVA JÚNIOR, N.; DUNKER, C. **O neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 17-46.

SANTANA, I. L. Subjetividade e trabalho ou como as mudanças do capitalismo têm afetado a constituição de sujeitos. **Primeiros Escritos**, v. 10, n. 1, p. 103-125, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/primeirosestudos/article/view/154658>. Acesso em: 15 jul. 2022.

SECCO, A. C., KOVALESKI, D. F. Do empreendedor de si mesmo à medicalização da performance: reflexões sobre a flexibilização no mundo do trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 5, p. 1911-1918, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022275.09572021>. Acesso em: 01 nov. 2021.

SIBILIA, P. Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v. 17, n.3, p. 353-364, 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.173.09> Acesso em: 01 nov. 2021.

TOMETICH, P.; CARVALHO SILVA, R. F. O processo de empresarização e as mudanças nas relações de assalariamento e exploração. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 12, n. 2, p. 71-87, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pca/article/view/11361>. Acesso em: 15 jul. 2022.

ANEXO I

Tabela - Entrevistas

Perfil dos Entrevistados					
	Participante A	Participante B	Participante C	Participante D	Participante E
Gênero, idade e escolaridade	Homem, 31 anos, Ensino Médio Completo	Mulher, 34 anos, Ensino Superior Completo	Mulher, 34 anos, Ensino Médio Completo	Homem, 40 anos, Ensino Médio Completo	Homem, 65 anos, Ensino Médio Completo
Motivo	Indicação dos amigos, trabalhava como garçom quando os amigos compartilharam as experiências com a empresa. Decidiu testar, alugou um carro para trabalhar com o aplicativo.	Apresentava dificuldades para arranjar um emprego na área de formação (administração). Comprou um carro para trabalhar com o aplicativo.	Estava desempregada e, para complementar a renda, comprou um carro para começar a trabalhar com o aplicativo.	Complemento de renda, trabalha como funcionário público. Busca uma qualidade de vida melhor com uma renda extra.	Não trabalhava mais no ramo de vendas e representação comercial, <i>“chega numa certa idade, você passa a ser obsoleto para o mercado de trabalho”</i> . Necessidade em trabalhar, resolveu trabalhar como motorista de aplicativo.
Quando começou a trabalhar	2018	2019	2021	2018	2017
Possui outra fonte de renda?	Não	Não	Sim, empregada doméstica	Sim, servidor público	Sim, aposentadoria
Única renda familiar?	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Veículo próprio ou alugado	Próprio	Próprio	Próprio	Próprio	Próprio
Comprou o veículo para trabalhar com o aplicativo?	Sim	Sim	Sim	Sim	Não

Categoria – Empresa x Trabalhador					
	Participante A	Participante B	Participante C	Participante D	Participante E
Jornada de trabalho	De 8 a 12 horas por dia	De 8 a 12 horas por dia, fins de semana são mais de 12 horas. <i>“Durante a semana, sem ser férias escolares, trabalho nos horários de pico, das 5:00 às 09:00 da manhã, das 11:00 às 14:00 e das 16:00 às 18:00 quando tenho aula. Quando não tenho aula, vou das 16:00 às 00:00 ou 01:00, às vezes, paro às 22:00, mas depende do cansaço. [...] No final de semana, não paro. Sexta, sábado e domingo é o dia inteiro, vou embora para casa, durmo, acordo e vou trabalhar.”</i>	De 8 a 12 horas por dia.	Menos de 6 horas por dia, apenas na ida e volta do trabalho de servidor público.	De 8 a 12 horas por dia
Comunicação com a empresa	Não existe comunicação com a empresa.	Não existe comunicação com a empresa.	Não existe comunicação com a empresa	Não existe comunicação com a empresa.	Pouca comunicação com a empresa.
Direitos e auxílios	Não há auxílio ou direitos. <i>“Não tem nenhum tipo de auxílio, não tem cesta básica, não tem vale alimentação, vale refeição, não tem. Você fica doente não tem onde levar um atestado, entendeu? [...] Não tem benefício, não tem nenhum tipo de auxílio e qualquer coisa que acontece é problema seu. A empresa não te dá o menor suporte.”</i>	Não há direito ou auxílio. <i>“Não há suporte nenhum, tudo fica na conta do motorista, despesa com o carro, com si mesmo, a empresa não cobre nenhum custo. A empresa só está lá, ela não quer saber, não tem nenhum tipo de auxílio, é tudo por minha conta.”</i>	Não há direitos ou auxílios. <i>“Não há nenhum suporte da empresa em relação a isso, a gasolina está muito alta e a empresa não oferece nenhum tipo de suporte em relação a isso.”</i>	A empresa não oferece suporte nenhum para o trabalhador. <i>“Seja valor financeiro ou, pelo menos, até que seja para falar desculpa. Não tem nada disso. Então, a pessoa trabalha praticamente por ela e os riscos também são dela. [...] Você não tem nenhum vínculo trabalhista, você não tem nada com a empresa de aplicativo.”</i>	Não há direitos. <i>“A empresa não tem nenhum tipo de vínculo empregatício comigo. Portanto, se ela quiser me excluir da plataforma agora, eu não tenho direito algum.”</i>
Como se representa enquanto	Não soube responder.	<i>“Apenas mais um números, mais uma na empresa.”</i>	<i>“Se vê como uma boa motorista, a empresa vê os</i>	<i>“Ainda bem que eu não me represento porque se eu me</i>	<i>“Sou um motorista de aplicativo, eu presto</i>

trabalhador na empresa de aplicativo			<i>motoristas apenas como uma fonte de lucro, quanto mais corridas, mais lucro a empresa obtém.”</i>	<i>representasse, eu estaria muito desanimado. E o que eu vejo também, pessoas que trabalham apenas com isso, a pessoa pode até não falar, mas a pessoa não se sente motivada, não tem uma expectativa de vida para frente porque ela não quer voltar ao mercado de trabalho para trabalhar 8 horas por dia. Ela não quer voltar a isso porque vai ficar presa e, ao mesmo tempo, ela se vê escrava de uma empresa.”</i>	<i>serviço para uma empresa idônea.”</i>
Melhorias necessárias nas condições de trabalho	<i>“Olha a única mudança pra mim que tem que ter é... sabe, é ajuste dos valores, que eu acho que está muito defasado. Agora a questão de condição de trabalho? Não tem o que mudar é você entrar no carro, abrir o aplicativo e trabalhar. A empresa não vai ficar dando mais do que isso, não adianta você querer brigar.”</i>	<i>“O motorista deveria ter mais controle sobre o valor das corridas, uma maior taxa deveria ser repassado aos motoristas, pois, cerca de 60/70% das corridas ficam com a empresa. Também deveria ter uma auxílio de custos ou despesas dos motoristas.”</i>	<i>“Mudanças em relação a segurança, em saber mais sobre o passageiro, para onde está indo e em relação ao suporte”</i>	<i>Seria o valor das corridas mesmo. [...] por que a empresa cobra R\$ 15,00 pelo serviço e repassa só R\$ 9,00 para a gente? Ou seja, ela lesa o passageiro fazendo o passageiro pagar mais caro e repassa R\$ 9,00 para o motorista [...] teve sacrifício do motorista e a empresa em si só intermediou. [...] Se a empresa diminuir a porcentagem dela, com certeza teria mais gente rodando.”</i>	<i>Valorizar mais aqueles motoristas que estão com ela há muito tempo. [...] embora ela não te valorize, mas é uma empresa que dê certa forma me dá meu ganho do mês, mas que ela deveria valorizar mais esse tipo de trabalho com relação aos motoristas que ela tem na empresa eu acho que deveria. Em todos os aspectos né? É profissional, pessoa. [...] Qualquer empresa que você trabalhe, se você é uma boa funcionária, você gostaria de ser valorizado pelo seu empenho, pela sua dedicação.</i>

Categoria – O discurso neoliberal e o trabalho na empresa de aplicativo					
	Participante A	Participante B	Participante C	Participante D	Participante E
Flexibilização	A flexibilização como algo positivo. “ <i>Você gerencia sua necessidade. Por exemplo, essa semana tem aluguel, tem luz, tem internet, eu vou pagar. Eu vou trabalhar 10/12 horas por dia. E aí depois, semana que vem não tenho conta, eu estou tranquilo, só fazer um supermercado e tal, trabalhar menos, descansar. [...] É ao contrário de você trabalhar, por exemplo, no restaurante, que você não ganha os 10%, você tem que atender melhor possível, tem que se esforçar o melhor possível, mas que você vai ganhar aquele mesmo x no final do mês, entendeu? [...] É por esforço, não é por mérito.</i> ”	A flexibilização como algo positivo. “ <i>Os prós de trabalhar para a empresa de aplicativo é a flexibilidade, trabalhar a hora que quer, quando há necessidade. [...] Não tem rotina, depende do dia</i> ”	A flexibilização como algo positivo. “ <i>O pró é ter o seu horário, ter a flexibilidade.</i> ”	A flexibilidade como algo positivo. “ <i>Eu vejo pessoas que trabalham ainda, assim que trabalham o dia todo, mas o gasto é muito grande, entendeu? Não é um valor muito significativo, mesmo assim, creio eu que para a pessoa acaba sendo um pouco melhor porque faz o seu horário, aí eu quero rodar hoje, a não vou rodar hoje, então é só pela sua flexibilidade, não pelo trabalho em si porque tem muita empresa que vai pegar aí um salário-mínimo e meio, né? Para você trabalhar 8 horas por dia, de segunda a sexta e ainda tem o sábado. Então, na empresa X, eu acho que atrai os motoristas ainda é isso porque você pode fazer sua flexibilidade.</i> ”	A flexibilização como algo positivo. “ <i>Olha minha rotina de trabalho, a empresa X, por exemplo, é uma flexibilidade né? Você trabalha a hora que você quer, você para a hora que quer e você ganha o que trabalha. [...] quando eu não me sinto legal, não quero trabalhar, eu não vou trabalhar, obviamente eu não vou ganhar, mas eu tenho flexibilidade, entende?</i> ”
Precarização do trabalho	“ <i>A gente se perguntava se ‘a e se eu ficar 8 horas, 10 horas dirigindo por dia e ter uma hérnia de disco e não poder mais dirigir. Será que a Uber vai pagar alguma coisa para mim’, sabe? E a gente sempre se perguntava isso, mas o tempo foi respondendo que não sabe? Não, é sua conta</i> ”	“ <i>No final de semana, não para. Sexta, sábado e domingo é o dia inteiro, vai embora para casa, dorme, acorda e sai para trabalhar. Se está cansada, dorme e depois volta a trabalhar. Geralmente não é oito horas de sono, nos finais de semana, é só o tempo para descansar,</i> ”	“ <i>Achei que o retorno financeiro seria maior, como tinha trocado de carro, achei que ao fazer as corridas ia ser possível pagar o carro, mas depois de um tempo isso não aconteceu mais, em alguns momentos, preciso tirar do bolso para pagar algo que não deveria ser assim.</i> ”	“ <i>Vou dar uma ideia para você, ano passado eu estava vou botar lá no Rio, eu rodei 2 semanas, deu para fazer, vamos colocar R\$ 1.500. Fiquei com uma quantia boa de dinheiro, legal, bacana, você fica “nossa, está fazendo dinheiro”, mas é o meu caso eu tive que trocar a</i> ”	“ <i>Eu tenho uma organização financeira, porque o motorista de aplicativo e simplesmente tem um carro particular e põe para rodar, ele tem que ter uma organização financeira porque senão, ele não sobrevive, né?”; “não tenho nenhum tipo de vínculo empregatício</i> ”

	<p><i>em risco, sabe, ela não te obriga a trabalhar, então se você está abusando da sua saúde, a culpa e a consequência é toda a sua. Ela não estava mandando você ficar online, falando que você tem que fazer corridas, ela está ali. Trabalha quem quer, se você está sentindo dor... [...] a empresa é aquilo mesmo, fica online quem quer, trabalha quem quer e se você ficar doente, se você ficar com a coluna ruim, se você ficar com problema no joelho, o problema é seu.”</i></p>	<p><i>geralmente umas três horas de sono. [...] Não tem motivação para trabalhar, [...] faz corrida, ganha só R\$ 5,00 e no final o cliente ainda quebra maçaneta do carro. É desmotivador.”</i></p>		<p><i>partilha de freio, de disco e teve até bateria que foi nessa semana seguinte. [...] Então assim, o dinheiro que eu fiz fiquei tão alegre, né? Por ter feito dinheiro, mas, acaba sendo como ilusório porque eu tive que fazer a manutenção do carro. Então você fala ‘pô cadê o dinheiro que entrou’, não entrou. Então, tudo bem que foi para pagar uma peça do carro, mas se eu dependesse desse dinheiro para pagar um aluguel, fazer compras, alguma coisa eu não teria ou então eu teria que rodar mais para conseguir fazer.”</i></p>	<p><i>comigo. Portanto, se ela quiser me excluir da plataforma agora, eu não tenho direito algum.”</i></p>
<p>Visão a respeito dos desafios enfrentados</p>	<p><i>“São vários. Esses aí são vários. Eu acho que o desafio maior é ficar inteiro, deixar o carro inteiro, é trabalhar da melhor maneira possível para conversar o seu carro que ele é o que mais importa nisso tudo, certo? [...] Um desafio também é economizar e controlar seu dinheiro. [...] Um outro desafio são os passageiros. [...] Eu acho que o desafio é vencer, né? Vencer, assim, os perigos do dia a dia.</i></p>	<p><i>Maior desafio é a relação com os clientes, “tem cliente que é mal educado, grosso, suja e quebra o carro, [...] tem cliente que não entende que tem lugar que não pode parar, tenta explicar, mas não entende.”</i></p>	<p><i>O maior desafio é em relação a segurança, “tem pouco suporte, tem algumas regiões que são mais perigosas em determinados horários.”</i></p>	<p><i>Não forneceu essa informação.</i></p>	<p><i>“Vários, por isso que eu falo, você encontra, é n tipos de pessoas né? pessoas de boa índole, de pessoas de má índole. Então você tem que ter esses, esse feeling e essas coisas são perceptíveis, né? Então você tem que ficar atento a esse tipo de coisa. porque senão, você acaba se prejudicando e, conseqüentemente, você, tendo algum tipo de atrito que não é o caso, né? Agora você não pode ser bonzinho para determinados passageiros que te agridem</i></p>

					verbalmente que te agride talvez fisicamente, não aconteceu comigo, mas para desestabilizar você... Então você tem que ter esse jogo de cintura, porque senão..., Mas existe em todo segmento.”
Culpabilização e responsabilização	“Você está sujeito a tudo na rua. Você não tem benefício, não tem nenhum tipo de auxílio e qualquer coisa que acontece é problema seu.”; a empresa é aquilo mesmo, fica online quem quer, trabalha quem quer e se você ficar doente, se você ficar com a coluna ruim, se você ficar com problema no joelho, o problema é seu.”	“Tudo fica na conta do motorista, despesa com o carro, com si mesmo, a empresa não cobre nenhum custo”	“Tudo é por conta do motorista”	“Então a pessoa praticamente trabalha por ela e os riscos também são dela, como já aconteceu comigo também, de um carro encostar no meu outro carro. O prejuízo é meu.	“Eu me dou o direito de fazer, de não querer trabalhar em um sábado ou no domingo por conta de um evento que eu tenho com familiares. Então eu me dou esse direito, né? Já eu, trabalhando numa empresa privada, eu já não posso fazer isso porque eu tenho que cumprir o horário da empresa. Já a empresa de aplicativo, necessariamente, eu não preciso cumprir, só que quem vai sofrer as consequências posterior sou eu mesmo, né? Porque se você não trabalha, você não ganha”
Performance, superar obstáculos e desafios	“Tem muito passageiro que acha que as que estão no chofer né? Que somos motoristas particulares, contratados por eles. Então você tem que saber esquivar disso também, de um jeito educado, lógico. [...]você tem que ser esperto assim a ponto de	Não forneceu essa informação.	Não forneceu essa informação.	“Quem faz sua motivação, a sua capacidade, a sua determinação, é você mesmo. Se a gente deixar o nosso externo mudar a gente, a gente acaba não tendo coragem nem motivação para nada. Então eu sempre procurei me controlar né?”; “os	“Agora você não pode ser bonzinho para determinados passageiros que te agridem verbalmente que te agride talvez fisicamente, não aconteceu comigo, mas para desestabilizar você... Então você tem que ter esse jogo de cintura, porque se

	<p><i>prevê, por exemplo, tem uma rua estranho, está de noite. Você olhou lá na frente 2 caras, sabe? Estranho querendo pegar Uber, aí você vai ver a corrida, vai para um lugar estranho, sabe? Tentar prever que pode ser... Às vezes não é. Às vezes é só uma corrida mesmo, mas né quem me garante então? E aí, o desafio também de você ser um pouco malicioso, pensar, não, eu acho que é um assalto, não vou fazer, não faz.”</i></p>			<p><i>emocionais para quem não tem vamos botar assim um pensamento de que os passageiros, as pessoas vão ser o reflexo dela. Se às vezes a pessoa foi ignorante com ela, ela também ser ignorante. Então, em questão emocional, ela também vai sofrer muito com isso, né? Se ela não tiver uma calma, uma tranquilidade, sabe lidar com certas, situações então, para algumas pessoas, vai ser bastante grave, a parte emocional.”</i></p>	<p><i>não...”; “E a gente enfrenta todo tipo de situação, tudo sabe? Então você tem que ter jogo de cintura, assédio por ser a grande maioria dos motoristas, eu já fui assediado e outros motoristas já também já foi, entendeu? Então tem que ter esse jogo de cintura. Se não você acaba se prejudicando.”</i></p>
--	--	--	--	--	---

Categoria – O neoliberalismo e as relações interpessoais					
	Participante A	Participante B	Participante C	Participante D	Participante E
Relações com os colegas de profissão	Se afastou de grupos de motoristas, “era muito tititi e não gosto disso, de fofoca, [...] eu não tenho paciência para isso. Então, desde antes da pandemia, um pouco antes da pandemia, eu não me relaciono com mais nenhum outro motorista. [...] não tenho relação com outros motoristas, nem assim por internet, nem pessoalmente.” Quando participava dos grupos, notava muita competitividade, “era tipo uma disputa, né? De quem trabalhava mais, de quem fazia mais dinheiro, de quem pegava as melhores corridas.” Conversavam sobre a empresa também, sobre os desconfortos físicos e emocionais.	“A relação é boa, sempre se ajudam, falam sobre o que sentem, sobre a corrida, se tal passageiro é suspeito colocam o nome no grupo para os outros verem. Tem um código entre nós que se precisar de ajuda é só mandar esse código no grupo que alguém vai ver o que está acontecendo, se precisa de uma chupeta no carro, alguém ajuda. Tem conversas sobre a jornada de trabalho e empresa, especialmente para reclamar.”	“Não tem muita relação, tem alguns motoristas que ficam parado conversando, mas se tem corrida, não fico parada, foco nas corridas. Conheço alguns motoristas e conversamos sobre as jornadas de trabalho, sobre a empresa, sobre a dinâmica dos aplicativos e das corridas, sobre os desconfortos físicos e emocionais, mas sempre depende da pessoa.” Em alguns momentos se ajudam, não formam grupos, às vezes, tem uma corrida para outro município e passa a corrida para outra pessoa.	“Das melhores porque assim, mais uma vez, né? Eu não crio raízes de tolerância, de diferenças seja em qualquer local de trabalho né? [...] conversamos sobre a empresa, sobre o trabalho, sobre tudo. [...] falávamos sobre as coisas bizarras que aconteciam no dia a dia durante as corridas. [...] Inclusive no Rio quando eu rodava lá, a gente tinha um grupo que o pessoal colocava no grupo, os locais, ‘ó, está tendo tiroteio em tal lugar não passa por lá’. [...] então a gente sempre tinha essa comunicação.”	Tem grupos de mensagem com outros motoristas, conversam sobre os desconfortos físicos e emocionais. “Olha, nós temos um grupo, um grupo de motoristas de aplicativo, a gente não... O grupo ele formado somente para... com o intuito de um ajudar o outro numa necessidade esporádica né? Socorrer algum motorista que está com problemas, quem está mais próximo, se desloca até ele para poder dar uma assessoria para ele. Então, o grupo foi formado exatamente para isso, né? A gente, não tem assim. É “a, vamos alugar uma chácara e vamos fazer um evento só para o motorista”, não tem. Nós não chegamos a esse ponto dessa relação, entendeu? Seria muito promissor para você captar experiências de todo o tipo de motorista nesse tipo de evento, também deveria ser uma coisa patrocinada pela Uber, para que possa se socializar todos os motoristas”
Relação com familiares e amigos	A jornada de trabalho não interfere na relação com familiares e amigos. “Tenho uma boa relação com a minha família, [...] eu estou sempre tirando um tempo para ver eles.	A jornada de trabalho interfere na relação com familiares e amigos. “Porque a maioria trabalha e folga sábado e domingo, enquanto esses	A jornada de trabalho não interfere na relação com familiares e amigos. “Consigo controlar e administrar bem a rotina então não	A jornada de trabalho não interfere na relação com familiares e amigos. “Não me atrapalha, até porque também não sou um tipo	A jornada de trabalho não interfere na relação com familiares e amigos. “Quando quero estar com a minha família, eu simplesmente desligo meu aplicativo. Sinto

	<i>[...] ela é muito mais benéfica pelo fato de não ter uma horário, não ter uma rotina justamente porque estou na rua, então eu posso ir na casa da minha mãe, a hora que eu quiser. [...] Na minha visão é até melhor porque eu estou sempre junto da minha família e dos meus amigos e, não precisa é... ficar deixando de ver eles para trabalhar.”</i>	<i>são os dias que eu mais trabalho. Antes vivia em festa da família ou amigos, hoje nem tanto.”</i>	<i>afeta em casa ou nas relações, tem flexibilidade.”</i>	<i>de pessoa que deixo as coisas me atrapalharem, né? Então acaba não atrapalhando e eu acho que por isso que algumas pessoas aceitam ainda também trabalhar para a empresa, para serviços de aplicativo, por causa que ela faz o horário dela.”</i>	<i>vontade de ver os meus netos, por exemplo, ‘a eu não tenho tempo’, tenho tempo, eu desligo meu aplicativo vou na casa da minha filha, vejo meus netos. Saindo de lá, eu ligo o aplicativo normalmente. [...]. É, eu acho que com o trabalho de motorista de aplicativo, eu acho que flexibilizei muito a minha vida pessoal. Eu me dou o direito de fazer, de não querer trabalhar em um sábado ou no domingo por conta de um evento que eu tenho com familiares”</i>
Relação com os clientes	<i>Relação mediada pela nota. “A então eu tenho uma técnica né para trabalhar, não fale com o passageiro se ele não falar com você, sabe? e também não estica muito a conversa, sabe? isso aí pode acabar acarretando nota baixa e qualquer tipo de desacerto. [...] Em questão de problemas, nunca tive problemas graves com o passageiro de discussão, de briga, nunca. Já, claro, tive que tomar as rédeas de algumas situações? Já, algumas pouquíssimas, devo contar nos dedos. [...] 99% das minhas corridas foram ok, talvez 1% foi uma coisinha ou outra.”</i>	<i>Varia de acordo os clientes. “A relação com os clientes depende de cada um, cada um é uma pessoa, mas descobriu que o cliente vai dar nota baixa independente do que você faça, se for sorridente demais dá nota baixa porque está com inveja, se não falar da nota baixa, se falar da nota baixa. Mas tem cliente que não quer que saia do carro pois são legais. Nunca sofreu assédio, teve uma vez que ia escalar para um assédio, mas cortou na hora e acabou.”</i>	<i>Relação boa com os clientes. “Relação com o clientes é tranquila, se falam comigo, eu falo de volta, se não falam, fico quieta porque, às vezes, o cliente pode achar chata ou não quer falar. Nunca teve nenhum problema com assédio ou qualquer desconforto com clientes”</i>	<i>Relação boa com os clientes. “Eu sempre procuro tratar a pessoa, né? Ser uma pessoa mais clara e amigável possível e tratar bem, porque na verdade todo ser humano gosta de ser bem tratado. Ser ouvido, sorrir quando ela sorri, né? Então assim vai, não tem muito que se estressar com isso.</i>	<i>Relação boa com o clientes. “Olha, eu considero a minha relação com todos os meus clientes muito boa justamente por causa disso eu me coloco em um lugar que eu estou prestando um serviço para a pessoa que solicitou, mas isso não significa que ela tem que bater papo comigo. Então, esse respeito, a gente tem que ter, a gente tem que ter esse cintura, muitas vezes você quer conversar com a pessoa, quer interagir com a pessoa e a pessoa não quer, então você tem que respeitar. [...] tanto pela minha nota, 4,98 em 5 possíveis. Eu me considero um bom motorista.”</i>

Categoria – O trabalho nas empresas de aplicativo e as emoções dos trabalhadores					
	Participante A	Participante B	Participante C	Participante D	Participante E
Emoções desencadeadas	Ansiedade devido as longas jornadas de trabalho, estresse. <i>“eu sou muito ansioso, então chega uma certa, uma certa fadiga, começo a ficar muito ansioso, então tem que parar sabe? sentar, dar uma relaxada, ouvir uma música, sei lá, e depois, por exemplo, eu vou trabalhar hoje 12 horas. Eu trabalho 6 horas paro, dou uma relaxada porque se não fico muito ansioso, isso aí me atrapalha, sabe? que começa a me estressar no trânsito e tal.”</i>	Estresse, desmotivação. <i>“É desmotivador, tem cliente que não entende que tem lugar que não pode parar; saúde emocional é mais cansaço e estresse mesmo”</i>	Durante a jornada de trabalho, nota momentos de estresse. <i>“vez ou outra me estresso no trânsito, mas passa, xinga dentro do carro, não arruma briga porque é perigoso.”</i>	Como trabalha como servidor público, não há muitas emoções desencadeadas pelo trabalho de aplicativo. Porém, se trabalhasse seria muito desmotivador, estressante, não vê perspectiva de vida. <i>“Ainda bem que não me represento porque se eu me representasse, eu estaria muito desanimado. E o que eu vejo também, pessoas que trabalham apenas com isso, a pessoa pode até não falar, mas é a pessoa não se sente motivada. [...] Esses serviços de aplicativo acaba não tendo isso e acaba para essas pessoas não tem incentivo nenhum, né? Não vê perspectiva de vida. Não, porque eu não fico muitas horas. Quem fica muitas horas acaba tendo, né? Acho que muito grande [...] ficar sentado ali dirigindo [...] é bem desgastante sim.”</i>	Experiências boas que guarda. <i>“nossa eu passei por tantas emoções nesses cinco anos, experiências que você guarda. Eu falo sempre que se um dia eu parar de trabalhar, eu consigo descrever todas as partes boas que eu adquiri como motorista de aplicativo”.</i>
Visão do trabalho na empresa de aplicativo	Positiva	Negativa	Positiva	Negativa	Positiva

Emoções desencadeadas pela comunicação com a empresa	<i>“A eu prefiro assim, viu? Serviço nenhum que eu tive eu gostava de me envolver tanto com a parte de funcionários quanto com a parte de patrão, parte de chefe.”</i>	<i>Me sinto escravizada pela empresa não há suporte nenhum.</i>	Não forneceu essa informação.		<i>“Eu não vejo nenhum tipo de problema com a empresa. [...] Ela não me incomoda também porque eu desenvolvo meu trabalho dentro das normas da empresa e tal, é uma coisa amigável.”</i>
--	--	---	-------------------------------	--	--

Categoria – O trabalho nas empresas de aplicativo e a saúde dos trabalhadores					
	Participante A	Participante B	Participante C	Participante D	Participante E
Desgaste emocional	Não percebe nenhum desgaste emocional.	Percebe desgaste emocional, estresse e cansaço.	Não percebe nenhum desgaste emocional.	Não percebe nenhum desgaste emocional.	Não percebe nenhum desgaste emocional.
Desgaste físico	Percebe desgastes físicos. <i>“Eu estou desenvolvendo eu acho que um bico de papagaio aqui na minha coluna, justamente por causa da empresa ou uma hérnia de disco também. Eu tenho que ver isso aí, mas por enquanto não fui ver. Tenho sentido muitas dores na coluna. [...] Já teve dias de eu acordar travado, não conseguir levantar da cama. Fiquei acho que três dias deitado sem se levantar.”</i>	Percebe desgastes físicos, está um pouco acima do peso. <i>“eu estou um pouco acima do peso, um pouco de gordura. Não estou obesa nem nada, mas estou um pouco acima do peso.”</i>	Percebe desgastes físicos, porém, não acha que é decorrente do trabalho de aplicativo. <i>“É mais uma for na perna ou pé por ficar muito tempo sentada, mas só sair um pouco do carro, esticar a perna que passa.”</i>	Não possui desgastes físicos, jornada de trabalho curta. <i>“Devido a jornada de horário para a pessoa cumprir uma jornada de horário para poder retirar o lucro em cima disso, a pessoa fica muito tempo e acaba tendo esse problema ortopédico, né?”</i>	Percebe desgastes físicos, dores na lombar. Faz uso esporádico de medicamento para a dor na lombar. <i>“Eu adquiri uma dor na lombar que é do nervo ciático, proveniente de ficar sentado por muito tempo. Então tem que tratar, não adianta”</i> <i>“Você tem que lidar com isso”</i>
Horas de lazer	Tem atividades de lazer. Assiste filmes, tempo com o filho e família, formata computadores.	Tem atividades de lazer. Assiste filmes, dorme, namora.	Tem atividades de lazer. Passa tempo com a família.	Tem horas de lazer, passa tempo com a família.	Tem horas de lazer. Sai para dançar, conhecer novas pessoas, faz caminhadas.

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da Pesquisa: **Neoliberalismo, Subjetividade e Performance: o sofrimento psíquico na contemporaneidade.**

Nome do Pesquisador Principal / Orientador: **Prof. Dr. André Luiz da Silva**

Nome do(s) Pesquisadores assistentes/alunos: **Pietra Maschio da Silva**

1. **Natureza da pesquisa:** o sr. (sra.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar como o discurso neoliberal opera na construção da subjetividade e quais são suas influências no culto a performance sob a ótica de trabalhadores de plataformas digitais.
2. **Participantes da pesquisa:** 10 pessoas adultas na faixa etária de 18 a 65 anos que realizam serviços de entrega ou transporte privado em plataformas digitais.
3. **Envolvimento na pesquisa:** ao participar deste estudo o sr (sra) permitirá que o (a) pesquisador (a) realize entrevista com questões sobre suas atividades cotidianas e sua profissão. O sr (sra.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para o sr. (sra.). Sempre que quiser poderá deixar de responder alguma pergunta. Também poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.
4. **Sobre as entrevistas:** as entrevistas serão realizadas de forma online. Elas serão feitas pela assistente de pesquisa, com supervisão do pesquisador-orientador, através da plataforma Zoom ou Google Meet por chamada de vídeo ou, ainda, através de vídeo chamada pelo WhatsApp. O link para a entrevista será enviado para o participante com cerca de três horas de antecedência, mantendo todo o sigilo necessário. As entrevistas serão gravadas apenas para a transcrição das respostas e logo depois as gravações serão excluídas.
5. **Riscos e desconforto:** a participação nesta pesquisa não traz complicações legais. A pesquisa apresenta risco mínimo, porém, se o(a) participante se sentir desconfortável emocionalmente, inseguro ou tenha o desejo de não fornecer alguma informação solicitada, fica garantido o direito do participante de não responder qualquer pergunta que julgue por bem não emitir a resposta, ou ainda solicitar que as informações fornecidas na entrevista não sejam utilizadas. O participante tem direito a tirar dúvidas em qualquer momento do decorrer da pesquisa, bem como, desistir de participar da pesquisa em qualquer momento, mesmo após a realização da entrevista; sem que isso traga qualquer tipo de penalidade ou prejuízo. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Apesar de estar praticamente descartado esse tipo de risco, caso ocorra algum desconforto emocional, além de se recusar a responder, caso necessário, o participante poderá ser encaminhado para triagem no Centro de Psicologia Aplicada da Unitau – Universidade de Taubaté.
6. **Confidencialidade:** todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e o orientador terão conhecimento dos dados.
7. **Benefícios:** ao participar desta pesquisa o sr. (sra.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre como se relacionam as visões de mundo neoliberais, as representações sobre o indivíduo e a

construção da subjetividade. A pesquisa também poderá promover ao participante um momento de autorreflexão sobre o contexto e vivência de seus trabalhos e suas relações inter e intrassubjetivas.

8. **Pagamento:** o sr. (sra.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.


Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura da Pesquisadora



Assinatura do Orientador (Pesquisador Principal)

Pesquisador Principal: André Luiz Silva (12) 99117-7401 (WhatsApp e/ou inclusive ligações a cobrar) ou e-mail andre.silva@unitau.br

Demais pesquisadores: Piettra Maschio da Silva, Telefone: (12) 996301308 (WhatsApp e/ou inclusive ligações a cobrar), Email: piettrm19@gmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa: CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3624-1657, e-mail: cep.unitau@unitau.br.